

DOMINGO
DOS
PE
QUE
NOS
na Fundaj

Museu como espaço educativo

Catarina Martins
Edna Silva
Olga Santos
(Organizadoras)



Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana



Museu como espaço educativo

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Camilo Santana

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
Márcia Angela da Silva Aguiar

DIRETOR DE MEMÓRIA, EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE
Túlio Augusto Velho Barreto de Araújo

**COORDENADORA-GERAL DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
E DE ESTUDOS DA HISTÓRIA BRASILEIRA RODRIGO MELLO FRANCO
DE ANDRADE**
Nadja Tenório Pernambucano de Mello

COORDENADOR-GERAL DO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE
Moacir dos Anjos

**COORDENADORA DE AÇÕES EDUCATIVAS E COMUNITÁRIAS
DO MUSEU DO HOMEM DO NORDESTE**
Edna Silva

DOMINGO
DOS
PE
QUE
NOS
na Fundaj

Museu como espaço educativo

Catarina Martins
Edna Silva
Olga Santos
(Organizadoras)



Fundação
Joaquim Nabuco
Editora Massangana

ISBN 978-65-5737-049-0
© 2025 Dos autores

Reservados todos os direitos desta edição.
Reprodução proibida, mesmo parcialmente, sem autorização
da Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco

Fundação Joaquim Nabuco | www.gov.br/fundaj
Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte (Dimeca)
Rua Henrique Dias, 609 – Ed. Ulysses Pernambucano – Derby
Recife-PE | CEP 52010-100 | Telefone (81) 3073-6767
Editora Massangana | Telefone (81) 3073-6321

EDITORA MASSANGANA

COORDENADOR
Cristiano Borba

CHEFE DO SETOR DE EDITORAÇÃO
Antonio Laurentino

EQUIPE DE EDITORAÇÃO
Hélter Pessoa
Hiago Henrique
Isabel Silva
Marcelo Abreu

APOIO ADMINISTRATIVO
Jane Lopes

ESTOQUE E VENDAS
Ailson Viegas
Conceição Costa

RESERVA TÉCNICA
José Edson

Foi feito o depósito legal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Fundação Joaquim Nabuco – Biblioteca)

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
Ruth Rocha

DIAGRAMAÇÃO
Antonio Laurentino

REVISÃO EDITORA MASSANGANA
Isabel Silva

REVISÃO EXTERNA
Tikinet

REVISÃO TÉCNICA
Manoela Antunes Chagas de Souza

SUPERVISÃO DE PESQUISA E TEXTOS
Alisson Henrique de Almeida Pereira

Editora associada à



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

M386d Martins, Catarina; Silva, Edna; Santos, Olga (Org.)
Domingo dos Pequenos na Fundaj: Museu como espaço educativo – Recife: Fundação Joaquim Nabuco,
Editora Massangana, 2025.
116 p.: il.
Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5737-049-0
1. Educação, Ações Educativas. 2. Museu, Mediação Cultural. 3. Ludicidade. I. Martins, Catarina, org.
II. Silva, Edna, org. III. Santos, Olga, org. IV. Título.

CDU: 37:069.013

SUMÁRIO

A decorative graphic on the right side of the page features five interlocking puzzle pieces. The pieces are colored red, purple, yellow, orange, and blue, each with a different letter (M, U, H, N, E) cut out of its center. The letters are in contrasting colors: M is teal, U is pink, H is red, N is blue, and E is green. The pieces are arranged in a staggered, overlapping pattern.

Agradecimentos 9

Prefácio 11

Apresentação 15

Introdução 17

I

A criança no espaço museal: teorias para o futuro 29

Museus e sociedade: reflexões sobre a função social dos museus 31

Educação patrimonial e o papel do educador:
a importância da criança no espaço museal 47

Brincar no Museu do Homem do Nordeste 63



Domingo dos Pequenos: mosaico de memórias 73

Além do olhar 75

Ações educativas do Muhne nas comunidades 83

Carnaval dos Pequenos no Engenho Massangana 95

Domingo dos Pequenos:
parceria com a Casa da Criança Marcelo Asfora 101

As lições dos Domingos 105

O Trenzinho da Alegria 107

Agradecimentos

Catarina Martins

Aos parceiros Companhia Editora de Pernambuco e Cinema do Museu, nosso mais sincero agradecimento pela contribuição nesses anos de realização do Domingo dos Pequenos. Vocês oportunizaram para os Pequenos a chance de possibilitar grandes sonhos e foram precursores de momentos inigualáveis para eles e para nós. Seremos sempre gratos por tudo que foi feito.

Prefácio

Márcia Angela da Silva Aguiar

Recife, julho de 2024

Com muita satisfação, aceitei prefaciар esta coletânea que, além de destacar o esforço coletivo de jovens educadores e educadoras na construção de um projeto que atrai crianças para o mundo encantado da diversidade de culturas que a Fundação Joaquim Nabuco guarda, constitui uma relevante contribuição ao evidenciar práticas pedagógicas significativas que associam plenamente educação, cultura, memória e artes.

Ao ler os diversos artigos que compõem esta coletânea, tive a certeza de estar diante de um projeto educativo que abre portas para entender de forma lúdica e criativa algumas passagens da história da região Nordeste e do Brasil. Não fosse tal fato por si só suficiente, os relatos mostram a constituição de um espaço no qual crianças e jovens vivenciam experiências de aprendizagem significativas ao interagir com os campos da educação e da cultura.

Essas oportunidades de formação cidadã são materializadas no Domingo dos Pequenos, projeto capitaneado pela Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Artes do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), da Fundação Joaquim Nabuco/MEC, que abre espaço para interlocuções entre museu e sociedade.

Várias passagens despertam a atenção especial do leitor. Constato, com alegria, que o grupo reconhece a figura ilustre do educador Paulo Freire e incorporou ao projeto suas concepções de educação para a liberdade.

Com efeito, essa inspiração pode ser apreendida na prática dos dedicados educadores e educadoras que fazem o elo entre a educação e a cultura, despertando nos pequenos que frequentam o Muhne admiração, sonhos e o desejo de aprender cada vez mais, de realização pessoal.

Salta à vista o sentido de coletivo que impregna as atividades lúdicas e criativas desenvolvidas nesse espaço multicultural, bem como a preocupação em alinhar a experiência museológica com as vivências do cotidiano das comunidades, em especial daquelas que, tradicionalmente, veem cerceado o direito de acesso aos bens culturais que pertencem a todos.

A contribuição essencial desta coletânea é mostrar aos educadores e educadoras que é possível, com criatividade e de modo coletivo e solidário, inventar e recriar novas formas de relacionamento entre o museu e a sociedade, de modo acessível às crianças e aos jovens, considerando suas especificidades e singularidades.

A atual gestão da Fundação Joaquim Nabuco tem dado apoio e incentivado as iniciativas que ampliam a visibilidade desse espaço de interação entre educação, cultura e sociedade, construindo pontes que permitem o trânsito de pessoas de territórios diversos para participarem das experiências do Educativo.

A todos e todas, um convite para usufruírem o prazer suscitado pela leitura dos artigos desta coletânea que chega em boa hora, no 75.º aniversário da Fundação Joaquim Nabuco!

Márcia Angela da Silva Aguiar

Presidenta da Fundação Joaquim Nabuco

Apresentação

Alisson Henrique
Letícia Bandeira

Nestas páginas você encontrará carinho, diversão pedagógica e o empenho de vários educadores ao longo de quase dez anos. Falamos aqui do Domingo dos Pequenos, uma ação educativa que acontece todo 3.º domingo de cada mês, gratuitamente, nas oficinas e no Jardim do Museu do Homem do Nordeste (Muhne). Suas atividades têm como público-alvo crianças, dos seus primeiros anos de vida até a adolescência, e são concebidas e implementadas pelos educadores da Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias, da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundação Joaquim Nabuco.

Essa é uma ação que une a missão e o potencial dos equipamentos culturais da instituição com os Pequenos e seus responsáveis para – juntos – estimularmos saberes, experimentações e momentos de lazer. Tudo isso em fins de semana memoráveis de diversão e de boas lembranças, sempre buscando a difusão do conhecimento.

Então, a obra se desenvolve a partir dos textos de educadores que compõem ou compuseram a equipe educativa do Muhne e do Engenho Massangana, os quais assumem tanto a autoria dos textos quanto das técnicas pedagógicas ao longo das três partes que a constituem. Entendemos que nossa Mediação Cultural e Artística interliga pesquisa, transposição didática e prática transformadora, sendo assim, produzimos este registro para que a memória (tão fugitiva que é) se faça próxima, se faça de mãos dadas conosco, não nos deixando esquecer dessas experiências felizes. Também estão aqui alguns dos desafios com os quais deparamos e aprendemos. Quem sabe eles também possam inspirar outros agentes da educação e/ou instituições afins em suas práticas educacionais desafiantes. É o que esperamos.

Agradecemos o convite para escrever a apresentação desta primeira edição em livro do Domingo dos Pequenos, o qual vivenciamos e desenvolvemos desde a sua criação. A nossa conexão com essa ação se dá para além das etapas burocráticas do expediente: alcança também nossos corações, e cada Domingo deste de “pequeno” tem somente o nome, pois o carinho que nos envolve é, antes de mais nada, IMENSO.

Introdução

Edvânia Carvalho

O livro *Domingo dos Pequenos: museu como espaço educativo* nasceu do desejo de compartilhar, com educadores das redes pública e privada de ensino, oficinas e atividades ocorridas nos espaços do Museu do Homem do Nordeste (Muhne) e que compõem o calendário de ações educativas, desenvolvidas buscando atender ao público infantil, suas faixas etárias, necessidades e especificidades.

Considerando a importância dos projetos propostos pela Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias do Muhne, bem como visando à valorização do indivíduo e à disseminação de saberes por meio da prática da educação não formal, este livro foi produzido envolvendo teoria e prática.

Na parte 1, “A criança no espaço museal: teorias para o futuro”, discutimos algumas temáticas relevantes: a função social dos museus; a educação patrimonial e o papel do educador; e o brincar dentro do museu. Na parte 2, “Domingo dos Pequenos: mosaico de memórias”, expomos relatos de experiências de pessoas que se envolveram no evento.

Advindas de um contexto social tradicionalista, as práticas de ensino-aprendizagem estiveram por muitos anos limitadas à estrutura física do ambiente no qual eram desenvolvidas. A escola era o único espaço visto como lugar para o aprender, estando pautada em metodologias que quantificavam os conhecimentos e rotulavam os educandos. Com o passar do tempo, os avanços nas metodologias e nas didáticas utilizadas para educar foram alcançando ganhos imensuráveis. A tendência pedagógica progressista, histórico-crítica, que emergiu no final dos anos 1970, passou a valorizar o indivíduo e seus conhecimentos prévios, fazendo da educação uma ferramenta para formar sujeitos autônomos a partir de um ensino democrático.

Ao mencionar o caráter transformador da educação e apontar a importância de propostas exequíveis para a aprendizagem, Paulo Freire afirma que

uma educação que pretendesse adaptar o homem estaria matando suas possibilidades de ação, transformando-o em abelha. A educação deve estimular a opção e afirmar o homem como homem. Adaptar é acomodar, não transformar.¹

Desse modo, é crucial refletir acerca das práticas educativas existentes no cotidiano, bem como as concepções de educação que embasam a docência atualmente. Para isso, é preciso discorrer sobre a compreensão que se tem de educação.

Educar para novos olhares, para a vida, para o crescimento requer compreender que este processo ocorre de diversas formas. Segundo Gomes e Vitorino,

a educação consiste em um processo aberto e cercado por elementos que interferem e dialogam na interiorização dos conteúdos pelos indivíduos. Ela pode assumir múltiplas formas e realiza-se tanto no campo social como no cultural e psicológico do indivíduo.²

Essa multiplicidade a qual Gomes e Vitorino se referem favorece o desenvolvimento integral quando atrelada a valores morais e éticos, os quais não invalidam os valores pré-existent no ser humano. Sobre as multifaces da educação, Carlos Rodrigues Brandão diz:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para ensinar-e-aprender, para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.³

Expandir as maneiras com que a educação acontece, fomentando seu papel na formação do cidadão, promove saberes e faz dela uma prática social. Portanto, o conhecimento pode ser adquirido a partir da socialização entre os seres, em sua inserção na sociedade por meio de vivências diárias, como também a partir de experiências sistemáticas, ainda que realizadas fora do âmbito escolar. O direito à educação formal-escolar é essencial e deve ser garantido. Baseados nisso, apreciamos a força de atuação dos espaços não formais de aprendizagem, entre estes os museus.

É na perspectiva de ensinar-aprender para a transformação social, compreendendo que o direito à educação é requisito fundamental para o desenvolvimento do ser humano, que nós da equipe educativa da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) elaboramos e apresentamos possibilidades práticas para lançar novos olhares acerca das atividades empreendidas em sala de aula. O Muhne, abraçando a antropologia e a arte, enquanto espaço de memória, valoriza as diversidades da sociedade brasileira atual e destaca em seu acervo aspectos históricos e culturais que baseiam as reflexões proporcionadas no local. Discutindo a importância da memória, da identidade e do pertencimento, elaborando projetos e ações que instigam a formação do público para a cidadania, vem se tornando, assim, um espaço educativo que contribui para o preparo crítico. Sobre isso, Gomes e Vitorino salientam:

A educação coloca e formata o indivíduo e também o forma para os processos sociais, políticos e culturais que o acompanharão ao longo da sua vida. Isso ocorre de duas maneiras: aquela que consideramos formais por seu caráter regular, planejado, especializado e intencional, é aquela que chamamos de não formal, por ocorrer fora do âmbito oficial/escolar, porém de maneira organizada e sistemática.⁴

Por conseguinte, as atividades destacadas na “memória prática” são parte do alicerce utilizado para alcançar os participantes, evidenciando os princípios que norteiam a função social dos museus, como o respeito e a valorização à diversidade cultural, a promoção do acesso ao conhecimento, a efetivação do engajamento social e a estima à

dignidade humana. Partindo desse pressuposto, ao possibilitar novas formas de aprendizagens, os museus se fazem cruciais para o processo educativo e podem ser pensados como instrumentos de transformação social, difundindo saberes diversos e ampliando as relações humanas.

As práticas pedagógicas vivenciadas em espaços de cultura como os museus favorecem o reconhecimento da identidade e o exercício da cidadania, permitindo que se tenha compreensão a respeito dos direitos em sociedade.

Para isso, as ações educativas elaboradas precisam estar integradas ao meio social e considerar o seu contexto atual para que tenham êxito. Assim, é válido mencionar o Domingo dos Pequenos no período da pandemia de covid-19. O momento vivenciado exigiu a busca por novas formas de garantir os direitos básicos inerentes ao cidadão em processo de formação, sobretudo a educação. A necessidade do distanciamento social fez com que os espaços de educação, formais ou não formais, se reinventassem criando estratégias de ensino-aprendizagem para alcançar seu público. Não foi diferente com os museus, que precisaram se adaptar e colocar em seu repertório atividades com a utilização de recursos digitais utilizando o campo virtual.

Com essa realidade, o Domingo dos Pequenos passou a realizar ações para atender ao público que estava temporariamente isolado. Com o uso da educação virtual, oficinas, contações de histórias, produção de jogos, entre outras atividades realizadas nesse período obtiveram excelentes resultados no tocante à participação e satisfação dos envolvidos, evidenciando uma nova forma de educação. Sobre as diversas formas de

educar, Brandão afirma que “a educação aparece sempre que surgem formas sociais em condução e controle da aventura de ensinar-aprender”.⁵

Potencializar a atuação dos museus enquanto agentes propagadores da educação com uso de estratégias de ensino-aprendizagem não formais, de maneira organizada e programada, reafirma sua funcionalidade e seu papel social, uma vez que atuar enquanto lugar de educação é uma tarefa que vai além das estruturas físicas dos espaços. Desse modo, um dos objetivos do Muhne é, por meio das ações educativas, aproximar o museu das comunidades do seu entorno e do público em geral, desempenhando assim a sua função social. Sobre a atuação e a função dos museus, o Código de Ética do Conselho Internacional de Museus (ICOM) aponta que:

Os museus têm o importante dever de desenvolver o seu papel educativo atraindo e ampliando os públicos egressos da comunidade, localidade ou grupo a que servem. Interagir com a comunidade e promover o seu patrimônio é parte integrante do papel educativo dos museus. Os museus devem funcionar de acordo com a legislação internacional, regional, nacional ou local em vigor e com compromissos decorrentes de tratados. Além disso, a autoridade de tutela deve cumprir todas as obrigações legais ou outras condições relativas aos diferentes aspectos que regem o museu, seus acervos e seu funcionamento.⁶

A partir disso, defende-se a prerrogativa de que os museus educam e se constituem enquanto espaços democráticos, por intermédio de experiências, reflexões e trocas estabelecidas. Ter acesso aos equipamentos culturais é direito de todos, sobretudo

das crianças, independentemente de sua idade ou particularidade. Pensar no público infantil como prioridade é valorizar o processo de construção da identidade e do aco-
lher, aproximando-o do contexto no qual o espaço está inserido. É na infância que o
ser humano é forjado; nessa fase, as competências e habilidades são alargadas, e suas
vivências tornam-se memórias que são fundamentais ao longo da vida.

Com isso, faz-se mister articular possibilidades pedagógicas que garantam os di-
reitos de aprendizagem essenciais para o crescimento pleno dos partícipes. Nessa pers-
pectiva, a relação museu-criança está para além de uma visitação. Ao apreciar uma peça
do acervo, a criança constrói seus próprios conceitos e valida suas impressões legítima-
mente. Ao interagir em uma atividade prática interrogando e opinando, evidenciando
o ato de produzir, imaginar e de criar, a criança se envolve na realidade apresentada de
forma espontânea. Esse é um dos fatores que torna o museu um espaço de reflexão crí-
tica que suscita a aprendizagem. De acordo com Leite:

Nesse sentido, para as crianças, a oportunidade de fruição vai ao encon-
tro de sua curiosidade e necessidade permanente de investigar e inda-
gar sobre o mundo. Visto dessa forma, a partir dessa trama conceitual,
defendo que a relação museu-criança deva estruturar-se na possibili-
dade de provocar os sentidos e favorecer as descobertas, convidando a
imaginação para o centro do palco – o que significa, na prática, oportu-
nizar experiências múltiplas às crianças nos museus.⁷

Logo, aprender de um jeito prazeroso e lúdico é um dos objetivos que fundamentam as atividades sugeridas aqui, compartilhadas para alcançar os demais ambientes educativos e apontar a necessidade da ludicidade para tal. Os espaços educativos que se pautam em propostas lúdicas têm em seu cotidiano o brincar para aprender-ensinar, e os recursos utilizados são jogos, brincadeiras, historinhas e desafios, todos necessários à infância.

Brincando, as crianças interagem com o meio e com os outros, divertem-se, comunicam-se, expressam sentimentos e emoções, conquistam a autonomia e estimulam as potencialidades sociais, afetivas e cognitivas, dando significado ao que aprendem. Desse modo, transcende o sentido da educação como mera instrução. Sobre a importância do brincar para aprender, Meyer diz que “brincar é uma linguagem, é nossa primeira forma de cultura. A cultura que pertence a todos e que nos faz participar de ideias e objetivos comuns”.⁸

A construção de brinquedos, a utilização dos jogos, as brincadeiras tradicionais e as brincadeiras de “faz de conta” trazem consigo a função lúdica e a função educativa. Por meio dessas funções, a criança muda sua realidade e seu entendimento de mundo. Esse é o caminho pelo qual os conhecimentos antecedentes dialogam com os saberes adquiridos e concretizam a aprendizagem significativa, em que não há sobreposição de conhecimentos, mas sim a fusão entre eles. Leite enfatiza:

E, sobretudo, nas ações educativas, entender primeiramente que a fruição das crianças necessita de um tempo outro, diferente, singular: tempo para elaborar sentimentos, (re)viver, abrir as portas da magia, da imaginação; tempo para estabelecer relações com o mundo fora de si mesma. [...] faz-se necessário que possam construir significação ao visto/vivido e expressar-se sobre isso.⁹

Embasado nas questões mencionadas, o projeto Domingo dos Pequenos surge em 2016 com o intuito de criar uma maior aproximação entre a Fundação Joaquim Nabuco e os funcionários, os prestadores de serviços, seus familiares, as crianças do entorno e de bairros circunvizinhos ao Muhne. O êxito nas atividades de contação de histórias, apresentações culturais, oficinas educativas, entre outras que foram desenvolvidas, levou a extensão da proposta aos demais públicos: jovens, adultos e crianças de lares temporários, dando visibilidade à ação e efetivando sua importância até hoje. Sob esse olhar difunde-se o projeto do livro *Domingo dos Pequenos*, como um livro de memórias que pensa em uma efetivação do modelo, de direito de todos, a ser desenvolvida por meio das ações educativas e comunitárias.



Teatro de bonecos Bonecartes na exposição Abridores de letras, em 2019.

Fonte: Ascom/Fundaj.

Notas

¹ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Tradução: Moacir Gadotti e Lílían Lopes Martins. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 17.

² GOMES, Thauana Paiva de Souza; VITORINO, Diego da Costa. *Educação formal e não formal*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. p. 13.

³ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 7.

⁴ GOMES, Thauana Paiva de Souza; VITORINO, Diego da Costa. *Educação formal e não formal*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017. p. 16.


⁵ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p. 26.

⁶ BRASIL. *Código de Ética do ICOM para Museus*. Brasília: Diretoria do Comitê Brasileiro do ICOM; Conselho Internacional de Museus, 2010. p. 30-35.

⁷ LEITE, Maria Isabel. O museu e a criança: relações. *Encontro Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte*. [São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 24/28 out. 2010], p. 3. Disponível em: https://pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/01-gad_MARIA-ISABEL-LEITE.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

⁸ MEYER, Ivanise Corrêa Rezende. *Brincar e viver: projetos em educação infantil*. 4 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2008. p. 33.

⁹ LEITE, Maria Isabel. O museu e a criança: relações. *Encontro Internacional Diálogos em Educação, Museu e Arte*. [São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 24/28 out. 2010], p. 3. Disponível em: https://pinacoteca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/01-gad_MARIA-ISABEL-LEITE.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

The background is a solid teal color. It features four interlocking gears at the corners. The top-left gear is orange with a blue letter 'N'. The top-right gear is red with a teal letter 'M'. The bottom-left gear is purple with a pink letter 'U'. The bottom-right gear is blue with a green letter 'E'. In the center, there is a yellow vertical bar. The title text is centered and reads:

A criança no espaço museal: teorias para o futuro

Museus e sociedade: reflexões sobre a função social dos museus

Edna Silva

Elida da Silva

“Ah, quem vive de passado é museu!”, “Cara, esse lugar parece um museu...”. Você já deve ter ouvido essas expressões em algum momento da vida, em diferentes contextos, referindo-se aos museus como algo velho, preso ao passado, vazio, esquisito e distante do cotidiano. Essa ainda é uma visão muito difundida do que são os museus: espaços elitizados, para poucos e distantes do que vivenciamos no dia a dia, ou mesmo um lugar para o qual fomos levados pelo professor de História em algum momento na escola. São impressões propagadas por muitas pessoas, principalmente aquelas que

não tiveram seu acesso a esses espaços facilitado pelas políticas públicas ou pelas ações específicas de museus locais que promovam o intercâmbio entre os espaços museais e as comunidades de forma articulada e integrada. Isso é reflexo do papel histórico que os museus ocuparam, sobretudo na construção de um ideal de sociedade e em uma linguagem muitas vezes distante do grande público, de forma que passam a ser pouco acolhedores com o que é exterior.

“Não pode tocar!”, “Cuidado para não quebrar!”, “Não corra!”, não, não, não... Até que ponto somos verdadeiramente acolhedores com os nossos visitantes, principalmente com aqueles que estão começando a experimentar a vida, a arte, a cultura e a história pela primeira vez? Como estamos acolhendo nossos pequenos nos corredores, nas salas de exposição? Qual é o nosso papel enquanto educadores para que as instituições museológicas cumpram a sua função social? Aliás, qual é a função social dos museus?

Neste capítulo vamos refletir um pouco sobre como a história dos museus enquanto instituições de memória influenciam a forma como a sociedade percebe esses espaços e, principalmente, quais as funções dos museus em suas relações com a sociedade. É importante que possamos pensar de forma crítica qual é a função dos museus para com aqueles e aquelas que vivem em seus entornos, aqui compreendendo o espaço físico/geográfico ou aquele construído a partir das relações de trabalho ou mesmo afetivas. Mais ainda, pensar qual é o papel do Museu do Homem do Nordeste (Muhne) nas construções de sentido dos nossos pequenos, sejam os participantes de ações como o Domingo dos Pequenos, sejam aqueles que lotam os nossos corredores e jardins cotidianamente junto às suas escolas.

Entre o colecionismo e as memórias dos indivíduos: algumas definições de museus e suas funções

Ao longo de séculos a relação das sociedades com as artes e o patrimônio sofreu modificações significativas, como reflexo das rupturas e continuidades observadas na história. Conceitos foram atualizados e modos de fazer foram adaptados às novas visões dos sujeitos para tudo aquilo produzido pela humanidade e sua relação com os grupos sociais.

Do colecionismo à compreensão de patrimônio, os museus foram tomando formas e se multiplicando através dos continentes em um papel importante enquanto guardião da memória das sociedades nas quais surgiram, buscando retratar aquele grupo tal qual seus idealizadores e curadores o concebiam, refletindo assim os ideais daqueles que ocupavam os espaços de decisão.

Não nos cabe aqui fazer uma discussão historiográfica em busca da gênese dos museus, muito menos viajar até o século I da Era Cristã e organizar relatos da majestosa coleção numismática do Imperador Augusto (63 a.C. – 14 d.C.),¹ mas tecer algumas reflexões acerca dos caminhos que levaram os museus à configuração que encontramos atualmente, sobretudo no Brasil.

Assim, é importante compreender a relação dos museus modernos com a construção dos Estados Nacionais do Ocidente, tal como observado no contexto da Revolução Francesa. Salienta-se que, assim como em outros aspectos do pensamento ocidental, os movimentos ideológicos desencadeados pelos revolucionários franceses

no século XVIII encontraram eco em outros espaços, como poderemos observar a seguir. Segundo o historiador Cláudio Carlan, o Comitê de Salvação Pública, instituído pela revolução em curso na França, foi o responsável pelos primeiros decretos que estabeleciam a necessidade de preservação do patrimônio nacional, em um movimento que resultou na transferência para o Estado dos bens da Igreja, da realeza e da nobreza no país. Carlan destaca que os revolucionários tentam acabar com uma ideologia imposta pela elite, proprietária desses objetos. Em 1793, o Louvre foi transformado em museu com o objetivo de instruir a nação, difundir o civismo e a história. Os cidadãos teriam conhecimento do passado e, ao mesmo tempo, haveria uma legitimação ideológica dos Estados Nacionais.²

Esse mesmo movimento pode ser observado no contexto português, por exemplo, no que Isabel Roque caracteriza como a segunda fase da museologia no país, compreendida entre 1838–1910, na qual ocorreu, tal como durante a Revolução Francesa, o recolhimento do espólio de bens religiosos a partir da extinção de ordens religiosas e da desamortização de seus bens. É na terceira fase da museologia portuguesa que há a proliferação de museus regionais com a exposição do espólio anteriormente apreendido, sobretudo em edificações anteriormente pertencentes à Igreja.³

No Brasil, o Museu Real (atualmente Museu Nacional, instalado no antigo palácio de D. Pedro II) foi criado por D. João VI em 1818, tendo sido este responsável pela doação de sua primeira coleção de História Natural.⁴ Nas décadas posteriores foram acrescentadas inúmeras coleções dos mais variados tipos a partir de compras e da coleta de diferentes missões científicas pelo país.

A partir desses três exemplos, é possível observar que boa parte das instituições museológicas surgidas nesse período tinha um caráter civilizatório que pretendia representar o que então se compreendia enquanto identidade para cada uma dessas nações. Assim, em sua constituição primeira, cabia a esses museus a função de validar a concepção de nação, de povo, que o Estado e/ou as elites locais queriam instituir para a construção de uma identidade nacional única. É nesse sentido que se tem o aparecimento de um conceito de patrimônio ligado diretamente à construção dos estados nacionais, ainda que essa categoria encontre bases ainda mais antigas e não seja necessariamente uma criação moderna.⁵

Desse modo, podemos refletir de que forma os museus passaram a ocupar um espaço de validação de uma identidade nacional construída. Entretanto, essa visão da função dos museus permanece imutável desde esse contexto? A pesquisadora Genoveva Oliveira nos ajuda a compreender tal questionamento ao defender que, assim como a sociedade, o museu “está em constante fase de transmutação tendo obrigatoriamente de acompanhar a evolução dos novos desafios que se colocam diariamente. Novas funções são propostas”.⁶

Assim, a própria ideia de museu passou por diversas modificações ao longo das últimas décadas, sobretudo buscando refletir as demandas das sociedades para essas instituições, não apenas na salvaguarda da memória dos povos, mas na construção de conhecimento com a população. Segundo Nicole Marziale, a década de 1960 pode ser vista como um marco do entendimento dos museus em suas relações com a sociedade na medida em que se buscou uma reflexão sobre suas funções sociais e educativas, em

um movimento marcado pela criação de museus ligados às comunidades, voltados para as identidades locais.⁷

Reuniões internacionais lideradas pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) buscaram ao longo do tempo adequar o conceito de museu, bem como o entendimento de suas funções sociais para as realidades de uma sociedade em constante mudança e para os novos paradigmas desenvolvidos no campo da museologia. Muitos foram os encontros e textos produzidos a partir dessas discussões, a exemplo da Mesa Redonda de Santiago (1972), grande marco para os estudos em museologia e que coloca os indivíduos no centro do debate, sendo considerada por muitos estudiosos a base para o movimento da nova museologia.

Entre os desdobramentos das discussões, destaca-se a dita Declaração de Quebec, cujo texto final traz:

A Declaração dos Princípios de Base de uma Nova Museologia propõe que os objetivos da Museologia se estendam para além das atribuições e funções tradicionais de identificação, conservação e educação, em direção a práticas mais abrangentes, com o objetivo de integrar as populações em sua ação.⁸

Ou seja, cada vez mais os profissionais das áreas de museologia buscaram se abrir a novos paradigmas no desenvolvimento de sua área de atuação em uma relação ora distante, ora estreita, com os anseios da sociedade e, de forma específica, daqueles indivíduos. Todo esse contexto de debates e mudanças favoreceu o desenvolvimento de

novas categorias de museus, tais como museus comunitários e ecomuseus, modos de pensar a museologia e seus acervos sob uma nova perspectiva.

Observa-se que os documentos produzidos ao longo das últimas décadas cada vez mais reorganizam a concepção de museu voltada para o social, desprendendo-se daquela ideia primeira de museu cuja função seria centrada na produção de ciência a partir de uma visão tradicionalista do que seria esta última. Essas mudanças se concretizam de forma clara em dois momentos da história recente: na 8.^a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2015; e na nova definição de museus aprovada na Conferência Geral do ICOM, em agosto de 2022.

O documento da UNESCO considera os museus

espaços públicos vitais que devem abordar o conjunto da sociedade e podem, portanto, desempenhar um importante papel no desenvolvimento de laços sociais e de coesão social, na construção da cidadania e na reflexão sobre identidades coletivas. Os museus devem ser lugares abertos a todos e comprometidos com o acesso físico e o acesso à cultura para todos, incluindo os grupos vulneráveis. Eles podem constituir espaços para a reflexão e o debate sobre temas históricos, sociais, culturais e científicos. Os museus também devem promover o respeito aos direitos humanos e à igualdade de gênero.⁹

Enquanto isso, o ICOM aprovou em agosto de 2022 a nova definição de museus, construída a partir de debates com profissionais que atuam no campo da museologia e da educação museal ao redor do mundo, estabelecendo que

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.¹⁰

Dessa forma, essas instituições estabelecem um entendimento de museu colocando-o a serviço das demandas da sociedade em constante mudança, levando para o centro das ações as necessidades de suporte dos bens culturais na promoção de inclusão, sustentabilidade, direitos humanos e de uma sociedade mais justa e humanitária.

Domingo dos Pequenos: o museu a serviço da sociedade

Ao longo deste capítulo refletimos acerca das concepções de museus em diferentes contextos com o objetivo de compreender o que se entendia sobre o papel dessas instituições ao longo do tempo, desde a salvaguarda de coleções e a formação de uma identidade nacional até a colocação de um museu a serviço das demandas sociais. Esses novos entendimentos passam ainda por um deslocamento do centro de atuação a partir do momento que o colecionismo dos museus tradicionais abre espaço para o protagonismo dos indivíduos.

Nesse sentido, o Muhne tem buscado uma aproximação com as discussões da nova museologia visando direcionar seus trabalhos e reorientar seus esforços para atuar próximo às comunidades de seu entorno, muitas delas não fisicamente, mas vizinhas na proximidade de ideias e de pessoas que atuam na promoção da educação e da cultura.

Assim, novas reflexões têm tomado espaço nas ações educativas, comunitárias e museológicas do Muhne ao adotar o conceito de *museu de vizinhança*,

cujo objetivo de criação foi o de construir a história da comunidade, ressaltando sua identidade cultural, valorizando suas características mais relevantes, procurando orgulhar seus participantes, com a finalidade de trabalhar os problemas que estavam afligindo a comunidade e buscar soluções para problemas sociais e urbanos. Esta proposta continha em seu bojo uma mudança na estrutura tradicional de museu pois, na prática, assumia um papel não mais de simples coletor, mas uma postura reflexiva, junto à comunidade, reconhecendo suas contradições, seus problemas e imaginando possíveis soluções.¹¹

Ora, diante das novas discussões sobre o que são os museus e quais os seus papéis diante da sociedade, o Muhne converte suas ações em uma prática que permite, no cotidiano, experimentar a concepção de museu de vizinhança. Apesar de o Muhne não trazer em sua concepção primeira e em sua estrutura todos os aspectos dessas novas visões da museologia sobre o papel dos museus, há o esforço de favorecer o diálogo entre os diversos setores que compõem o museu, o que o faz cumprir seu papel de salvaguardar o

patrimônio artístico e cultural nordestino ao mesmo tempo em que promove a inclusão de sujeitos muitas vezes alijados dos espaços de produção cultural.

Fauna e flora brasileiras, fotografia, artistas populares, literatura, escrita, memória, patrimônio, manifestações da cultura popular. Essas são algumas das temáticas abordadas nas ações do Domingo dos Pequenos nos últimos anos, sempre buscando a adequação das linguagens para as diferentes faixas etárias, bem como para o formato exigido pelo distanciamento social imposto pela pandemia da covid-19.

As funções do museu se misturaram ao longo dos anos nas atividades que podem contar com o suporte de profissionais das mais variadas áreas, desde a museologia em si até o restauro de obras de arte, buscando assim promover entre o público participante uma maior consciência de que o museu, sendo o Muhne ou qualquer outro, vai muito além do “não toque”, “não corra”, “não use flash”. Até mesmo essas expressões, repetidas à exaustão em algumas mediações, têm um sentido especial para além da mera ordem da visita: elas ajudam a preservar os objetos e as memórias que eles carregam. Trata-se da dinâmica de um museu consciente de si e de seu papel de guardião de objetos, e mesmo de *griot*, detentor de sabedoria e responsável pelo legado do conhecimento ancestral.

A museóloga Maria Cecília Gabriele nos ajuda a refletir sobre esse museu consciente de si, afirmando que

O “diálogo” entre o homem e o objeto musealizado depende da abordagem escolhida pelos profissionais do museu para intermediar a ação. Quando os museus passam da condição passiva de meros expositores e ganham as ruas, no sentido de conquistar as pessoas, ganham também

vida, reciclam-se, renovam-se e podem participar ativamente da formação de cidadãos mais comprometidos com seu patrimônio. Se o grande mediador entre o homem e o objeto, no processo museológico, é a linguagem expositiva, é ela que vai determinar o que o objeto tem a “falar” de si mesmo, de sua função, de sua feitura e de sua importância.¹²

Assim, o Domingo dos Pequenos pode ser visto ainda como um laboratório, um espaço que promove experiências de interpretações e de sentidos na relação da sociedade com os objetos por ela produzidos, sobretudo ao considerarmos que estes mesmos objetos, antes de sua musealização, tinham outros sentidos e que expressam um modo de ser e fazer.

Muitos são os exemplos de experiências exitosas de museus ao redor do mundo na busca por aproximar cada vez mais a sociedade dos espaços museais, historicamente elitistas e distantes das realidades de muitos sujeitos. O ponto de encontro dessas experiências é o interesse pela promoção da pluralidade a partir de ações inclusivas, buscando assim o cumprimento pleno de suas funções sociais.

Por Fim...

Longe de esgotar o tema da função social dos museus e a relação destes com a sociedade, este capítulo buscou apresentar alguns elementos que contribuíram para a construção de nosso entendimento dos museus enquanto instituições que podem e devem estar a serviço da sociedade em sua forma plena. É possível perceber com a leitura desta breve discussão, associada ao estudo das práticas educativas relatadas neste livro, que o Muhne está buscando se aproximar das comunidades que fazem parte de seu entorno, de forma presencial ou pelos meios virtuais.

É possível compreender que, hoje, as funções sociais esperadas dos museus e expressas nos documentos oficiais tais como o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) e a Política Nacional de Educação Museal (PNEM), apenas para citar alguns exemplos, passam necessariamente pela aproximação com as comunidades, de forma a promover amplamente a acessibilidade dos espaços museais.

Para além da acessibilidade física e comunicacional, a acessibilidade deve ser também no sentido de promover o acesso àqueles que por circunstâncias geográficas, econômicas ou sociais encontram dificuldades em usufruir do que é produzido nos museus.

Desse modo, a prática constante realizada a partir de ações como o Domingo dos Pequenos e a preocupação em estabelecer parcerias entre instituições e lideranças comunitárias, conforme nesta obra poderá ser observado, está em consonância com o que os estudiosos têm estabelecido enquanto função social dos museus.

Assim como em outros contextos, a educação é a base para a transformação social e, portanto, não é surpresa que os trabalhos desenvolvidos pelo Muhne com vistas a atender às demandas da sociedade têm as feições, o sotaque e o jeito do Educativo, uma equipe multidisciplinar e articulada, que busca desenvolver ações educativas e comunitárias efetivas.

Conforme o leitor poderá observar, o Domingo dos Pequenos não é apenas mais um serviço de atendimento ao público, mas sim um programa que promove ações educativas e comunitárias voltadas para crianças, promovendo assim uma maior aproximação entre as novas gerações e o espaço museal e cultural de forma mais abrangente.

Seguimos as reflexões sobre temáticas importantes para educadores, pais e sociedade como um todo, em busca da promoção de uma cultura que esteja em consonância com a sociedade e que reflita as necessidades de redução das desigualdades, além, é claro, de cumprir o papel de facilitar as aprendizagens.



Oficina de pintura com as educadoras Catarina Martins e Olga Santos, em 2024.

Fonte: Manoela Antunes.



Mediação cultural com o educador Ângelo Araújo, 2025.

Fonte: Catarina Martins.

Notas

¹ Para mais informações sobre o tema, consultar: CARLAN, Cláudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. *SciELO*, São Paulo, v. 27, n.º 2, p. 75-88, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742008000200005>. Acesso em: 1 dez. 2022.

² CARLAN, Cláudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. *SciELO*, São Paulo, v. 27, n.º 2, p. 78, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742008000200005>. Acesso em: 1 dez. 2022.

³ ROQUE, Maria Isabel. A exposição do sagrado no museu. *Comunicação & Cultura*, Braga (Portugal), n.º 11, p. 129-146, 2011. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/558/505>. Acesso em: 29 jul. 2025.

⁴ CARLAN, Cláudio Umpierre. Os Museus e o Patrimônio Histórico: uma relação complexa. *SciELO*, São Paulo, v. 27, n.º 2, p. 78, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742008000200005>. Acesso em: 29 jul. 2025.

⁵ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 22.

⁶ OLIVEIRA, Genoveva. O museu como um instrumento de reflexão social. *Midas* [Online], n.º 2, 1 abr. 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/222>. Acesso em: 6 dez. 2022.

⁷ MARZIALE, Nicoli Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. Perspectivas de mudança? *O Público e o Privado*, Fortaleza, n.º 38, p. 27, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119/4218>. Acesso em: 29 jul. 2025.

⁸ MARZIALE, Nicoli Palucci. A importância da reafirmação da função social dos museus: antes, durante e depois da pandemia. Perspectivas de mudança? *O Público e o Privado*, Fortaleza, n.º 38, p. 38, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/4119/4218>. Acesso em: 29 jul. 2025.

⁹ UNESCO. *Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade*. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152>. Acesso em: 29 jul. 2025.

¹⁰ ICOM. *ICOM aprova Nova Definição de Museu*. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756#:~:text=%E2%80%9CUM%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade>. Acesso em: 29 jul. 2025.

¹¹ GABRIELE, M. C. F. L. Sociomuseologia. Uma reflexão sobre a relação Museus e Sociedade. *Expressa Extensão*, Pelotas, v. 19, n.º 2, 2014, p. 45. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4950/3701>. Acesso em: 16 nov. 2022.

¹² *Ibidem*, p. 46.

Educação patrimonial e o papel do educador: a importância da criança no espaço museal

Catarina Martins
Manoela Antunes

A partir do final do século XIX, surgem discussões acerca da nova museologia, modificando as concepções do que seria a função dos museus. Durante os séculos XIX e XX, esses espaços culturais eram concebidos como contemplação do passado, focados nas coleções museológicas, nos quais o visitante assumia uma postura passiva diante dos

objetos. Consequentemente, os museus eram vistos como locais “marcados por regras, proibições, silêncio e, sobretudo, veneração”.¹

A nova corrente de pensamento acerca da função desses ambientes modificou a missão dos museus, que antes eram vistos meramente como um espaço expositivo, passaram a ser um lugar de questionamentos, reflexões e de interpretações acerca dos objetos e dos processos culturais, repercutindo em mudanças nas práticas e nas ações com o público.

A partir disso, inicia-se o processo de surgimento dos primeiros museus com função pedagógica e social, tendo como objetivo a formação e a transmissão da cultura para a sociedade², assim como o desenvolvimento de museus exploratórios de ciência e *children’s museums*, nos anos 1960, nos Estados Unidos. A preocupação com a educação gerou nessas instituições a necessidade de uma mediação entre os visitantes e o patrimônio material e imaterial, reformulando as linguagens utilizadas dentro das exposições dos museus – focando os sujeitos em vez de exclusivamente os objetos museais.³

Assim como nos Estados Unidos, na América do Sul ocorreu uma mudança no pensamento acerca da função do museu. Em 1960, as ideias concebidas por Paulo Freire influenciaram a corrente de pensamento acerca da educação, primeiramente no Brasil e no Chile, posteriormente ao redor do mundo. Freire acreditava que a educação era uma prática libertadora e que os saberes de cada sujeito eram constituídos pelas diferentes leituras do mundo, estas ligadas às vivências de cada um. As ideias do pedagogo chegariam aos museus nos anos 1970, fortalecendo a renovação das práticas educativas dentro dessas instituições e introduzindo mais a participação dos sujeitos e da sociedade nesses locais.⁴

No Brasil, embora já existissem debates prévios acerca da nova museologia e da função social do museu, a sistematização e a execução de políticas relacionadas à educação nessas instituições surgem nos anos 2000, com a implementação do Departamento de Museus e Centros Culturais no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e com a criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), em 2009.⁵

Em decorrência desses institutos e políticas, os museus se tornaram mais dinâmicos e sociais, passando a valorizar uma maior participação dos sujeitos e visitantes, estimulando atividades lúdicas como oficinas culturais, exposições interativas, entre outras atividades, relacionando educação patrimonial com o público, para uma maior conscientização acerca de sua história e memória.

Sabendo da importância da educação patrimonial nesse processo de educação museal, faz-se necessário abordar alguns conceitos envolvendo essa temática. Patrimônio é definido como um “conjunto de coisas da vida quotidiana, tangíveis e intangíveis, considerados como bens próprios pelos membros de um grupo ou pelos seus representantes”.⁶ Sendo assim, constitui-se de uma construção social e histórica de categorias que correspondem à sociedade. Há diversos tipos de patrimônio: imobiliário, econômico, cultural, entre outros. Todas essas qualificações são influenciadas pelas divisões estabelecidas pela moderna categoria de pensamento: econômica, cultural e da natureza.⁷

O patrimônio cultural é aquele que mais dialoga com o ambiente dos museus. Isso porque é representado pela categoria “coleccionismo”, que traduz o processo da constituição do patrimônio, pois todo grupo social utiliza a atividade de colecionar objetos móveis e imóveis, apropriando-se deles e os expondo.⁸ Dessa maneira, o pa-

patrimônio cultural constitui todos os bens de natureza material e imaterial que remetem à identidade e à memória de diferentes grupos sociais, podendo ser: formas de expressões, criações artísticas, obras, objetos e espaços destinados às manifestações artísticas culturais.⁹

Os museus, como instituições públicas que salvaguardam o patrimônio cultural, têm uma missão fundamental na preservação e no processo de mediação desse patrimônio com os visitantes, pois “[...] o patrimônio – cultural, histórico, científico, técnico, social etc. – não fala por si. É preciso interpretá-lo, ou seja, explicá-lo, extrair dele um significado para o público”.¹⁰ Em função disso, o museu assume um papel importante no processo de construção de novos conhecimentos por meio da educação patrimonial, que consiste na aplicação de ações educativas que contribuam para o processo de mediação e preservação do patrimônio cultural.

Quando aplicada em museus, a educação patrimonial pode se utilizar de técnicas educacionais como mediação cultural e animações pedagógicas, ambas relacionadas com o diálogo com o público, que auxiliam os visitantes a se apropriar do museu. A animação pedagógica, por exemplo, é bastante utilizada com o público infantil, principalmente em visitas escolares, pois familiariza as crianças com o museu orientando o olhar, refletindo sobre a história, apresentando a noção de patrimônio e contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico.¹¹

Essas ações educativas e culturais apoiam-se em um setor específico do museu – o educativo –, que é responsável por implementar atividades que colaborem para o aprendizado. O primeiro setor educativo institucionalizado no Brasil foi o Serviço de

Assistência ao Ensino do Museu Nacional, criado por Roquete Pinto, em 1927, no Rio de Janeiro.¹²

Desde então, vários outros museus implementaram esse setor e/ou ações educativas, não sendo diferente a decisão que posteriormente o Museu do Homem do Nordeste (Muhne) tomaria. O setor educativo do Muhne foi criado em 1985, embora já houvesse atividades educacionais desde sua criação, em 1979.¹³

Esses setores foram bastante fortalecidos a partir do surgimento de políticas e diretrizes que impulsionaram essas ações, regidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), como a Política Nacional de Educação Museal (PNEM) criada em 2017, resultando no Caderno do Programa Nacional de Educação Museal, em 2018, sendo um documento composto pela interlocução entre museus de todo o país, com o protagonismo de seus educadores.¹⁴

Os setores educativos têm suas equipes compostas principalmente por pedagogos, docentes e/ou formados nas áreas de ciências humanas, com experiência em intervenções e mediações. Esses profissionais são responsáveis por adaptar as visitas à idade e à formação dos grupos que são dirigidos, o que resulta em dinâmicas mais específicas de acordo com a demanda de cada um; é uma equipe, portanto, essencial no diálogo com crianças, adolescentes e idosos, que muitas vezes têm uma certa dificuldade de acessar o espaço de um museu:

Essa é a característica essencial dos serviços educativos: eles garantem uma função explícita de mediação presencial. Eles elaboram um discurso – sob as formas mais variadas e lúdicas possíveis – que permite à criança e ao adolescente se apropriar do objeto de patrimônio, se apoderar da temática da exposição, aplainando as dificuldades dos textos, muitas vezes rebarbativos, mesmo para o público adulto, eliminando as barreiras e as convenções – não falar, não mexer, não ser ativo – em vigor nos museus.¹⁵

Assim, a mediação nesses espaços culturais se torna uma importante ferramenta de comunicação que permite a fomentação de novos saberes acerca da memória e do patrimônio, sendo os educadores dos museus os responsáveis por esse processo de educação museal e patrimonial.

O papel do educador museal no processo de aprendizagem infantil

Diante da nova perspectiva sobre qual é a real missão social dos museus e seu papel educativo, é preciso também um novo olhar para os profissionais que trabalham com mediação nessas instituições, já que são a ponte entre a exposição e o público e incentivam o diálogo e a interação com o espaço museal. Tendo em vista essas informações, cabe a reflexão: qual é a função dos mediadores/educadores na formação educacional de seus visitantes?

É comum que esses profissionais sejam, por vezes, subestimados dentro das instituições, nas funções e até mesmo nas nomenclaturas de seus cargos. Em muitos lugares, por exemplo, ainda são chamados de “guias” ou “monitores”. Segundo a arte-educadora Ana Mae Barbosa, esses profissionais são educadores, pois ampliam a relação do público com o que está sendo exposto no museu, gerando diálogo e abrindo espaço para o sentimento de pertencimento a esses ambientes culturais que precisam ser ocupados.¹⁶

Por ainda existir uma visão limitada e elitizada sobre o que os museus representam, uma parcela da sociedade acaba não sendo acolhida pelo espaço museal, ou mesmo não se sente à vontade para fazer uma visita a esses espaços. Em vista disso, a função do educador de um museu pode ser a de facilitar uma visita comentada, fazendo com que o visitante se sinta parte daquele espaço, trocando ideias e suas próprias experiências acerca de uma exposição.

Dessa forma, a função educativa dos museus se faz também pelo processo de florescimento e desenvolvimento de novos saberes, estimulando reflexões nos visitantes sobre os assuntos expostos, além do diálogo continuado, tendo em vista que, na atualidade, a função dos museus foi ampliada.

De repositórios de antiguidades, consideradas testemunho de uma época de grupos sociais valorizados ou de fatos notáveis, os museus passam a desempenhar um papel pedagógico, popularizando acervos e educando. Transformaram-se em espaços vivos, ao contrário da imagem de cemitério de objetos. As instituições museológicas são ativas, múltiplas,

diversas e é possível torná-las ainda mais dinâmicas. [...] a tendência é o processo educativo dos museus ser aplicado levando-se em consideração a formação crítica e reflexiva do indivíduo.¹⁷

Quando falamos do papel do educador na visitação para público infantil, encontramos outras dificuldades nesse processo educacional. É um público que ainda é pouco associado a esses espaços e, em geral, pouco tido como “público-alvo” dos museus. Pol e Asensio¹⁸ citam isso como obstáculo para o acolhimento do público infantil nos museus, pois parte da concepção errônea de que essas visitas podem causar problemas à segurança e à preservação das coleções, persistindo uma visão tradicionalista de seu uso.

Essa ideia, muitas vezes, acaba privando as crianças de experimentar e vivenciar os meios de acesso à cultura, desse modo causando um desfavorecimento dos seus direitos, uma vez que:

[...] por entender que o museu faz parte do contexto cultural da sociedade e, portanto, visitar o museu de Arte é um direito de todo cidadão, entende-se que a criança como cidadã, tem esse direito também. No entanto, ainda que os documentos e leis evidenciam a importância de se efetivar os direitos à arte e cultura da criança pequena, a realidade que nos cerca tem demonstrado que, apesar dos esforços visíveis, há muito a fazer.¹⁹

Os espaços museais e suas exposições são, quase sempre, unicamente pensados para o público adulto, cabendo ao educador de museu aplicar estratégias para tornar essa exposição atrativa para o público infantil. É importante frisar que o educador não

deve tentar adequar a criança ao seu discurso, mas sim adaptar-se ao da criança, evitando assim “adultizá-la” ou mesmo ignorar sua voz.

Um dos papéis educativos dos museus é criar a perspectiva do pertencimento, portanto é necessário que os profissionais se utilizem da ludicidade e da sede de conhecimento dessas crianças para facilitar o acesso às informações dispostas no museu, o que Carvalho e Lopes colocam como dever do setor educativo, isto é, realizar ações que não limitem o público, principalmente o público infantil, devendo promover a emoção e a interpretação crítica acerca do patrimônio ali exposto.²⁰

De que modo, então, os educadores de museus poderão desenvolver essas ações, tendo em vista que nem sempre a disposição do patrimônio é pensada para o público infantil? Faz-se imprescindível que esses profissionais promovam brincadeiras, construam ideias e estimulem tanto a imaginação quanto novos saberes por meio das ações educativas, que desenvolvam atividades dinâmicas, intelectuais e motoras, possibilitando às crianças a aplicação dos novos conhecimentos.

De acordo com Carvalho e Lopes, para que as crianças possam observar as obras e elaborar ideias e percepções construtivas, é necessário que os museus proponham mediações culturais e percursos que deem espaço e tempo para que expressões motoras e afetivas sejam realizadas, criando assim uma memória afetiva e de pertencimento tanto do espaço museal no qual se pretenda inseri-las quanto do conhecimento patrimonial que se deseja consolidar.²¹

Dessa forma, é de responsabilidade das instituições promover ações e eventos que possibilitem o contato com a arte-educação para crianças e adolescentes. Tentando ofe-

recer essa conexão entre o museu e o público infantil, o Muhne já realizou, e ainda realiza, eventos com o intuito de introduzir esses pequenos, principalmente os que fazem parte das comunidades adjacentes.

Um desses exemplos de inserção das crianças no espaço museal foi a Semana de Alfabetização realizada entre os dias 11 e 14 de outubro de 2019, e que consistiu em oficinas aplicadas pelos educadores do Muhne. De acordo com o grau de escolaridade das crianças, foram realizadas produções de poemas e pinturas, uma competição de soletração com 126 palavras que faziam parte do vocabulário do percurso expositivo do museu e uma visita temática, promovendo discussões sobre o tema.

De forma dinâmica e lúdica, as crianças tiveram um contato prévio com o acervo patrimonial disposto no museu, momento no qual os educadores estimularam o debate em busca da consolidação do conhecimento baseado tanto nos saberes acessados pela mediação quanto aqueles que estavam sendo estudados no contexto escolar. Dessa forma, a educação não formal e a formal, a relação museu-escola se fortalece ao ampliar sua abrangência, abrindo os caminhos do acesso à educação dentro e fora dos muros das instituições de ensino, reafirmando assim a função social dos espaços museais.

De modo contínuo o Muhne realiza o evento que dá nome a esta publicação, o Domingo dos Pequenos, que é exclusivamente voltado à inclusão e à difusão dos saberes a partir dos espaços expositivos para o público infantil e infantojuvenil, sobretudo para as comunidades de seu entorno. Isso se dá por percebemos que

A importância da acessibilidade cultural para populações marginalizadas resulta no reconhecimento da cultura como valor para os setores desfavorecidos, a chave para o tema de identidade coletiva e autoestima, portanto se justifica como uma das missões dos museus de arte na sua função social. E, nesse sentido, a inclusão cultural é considerada como acesso a uma visão pluralista da cultura e das artes.²²

Entre as edições já realizadas pela instituição, foram trazidos temas que fazem parte da cultura popular do Nordeste, como o Reisado e o Bumba meu Boi. Também foram tratadas outras expressões artísticas, como a azulejaria, além de releituras de obras de arte, no intuito de promover a importância da leitura e de visibilizar temáticas minoritárias como a Consciência Negra. Muitas delas foram adaptadas a oficinas de construção manual, objetivando a fixação dos saberes adquiridos ou ainda o incentivo lúdico de reflexão sobre os temas.

Ainda segundo Wilder, o desenvolvimento de programas e ações para essas comunidades mais carentes requer métodos que as façam reconhecer seu valor dentro da sociedade e perceber-se como parte dessa identidade, tanto social quanto cultural. Dessa forma, as crianças começam a construir critérios para a formação das suas próprias posições críticas diante da sociedade.²³

Sendo assim, é papel do educador de museu promover uma comunicação acessível entre o visitante e a exposição quando a mediação se faz presente. Sua função está diretamente ligada às necessidades de cada público, diante dos saberes dispostos no museu

e daqueles trazidos pelas pessoas, integrando ações e práticas que possam estimulá-los à reflexão, especialmente quando esse público é infantil.

Por fim...

A ampliação das concepções sobre a função dos museus permitiu a fomentação de novas práticas sociais e pedagógicas dentro desses espaços, principalmente durante a troca de saberes com os visitantes. Assim, as atividades culturais voltadas à interpretação dos objetos e do patrimônio ganham cada vez mais destaque, tendo o setor educativo um papel fundamental no desenvolvimento dessas ações.

Deve-se entender a educação patrimonial e a mediação cultural como ferramentas importantes para a ludicidade e para a interpretação do acervo de cada museu, despertando nos visitantes uma consciência sobre o que está sendo visto. Daí a importância de ações como o Domingo dos Pequenos, atividade voltada para o público infantil e infantojuvenil.



São João dos Pequenos, em 2023.

Fonte: Felipe Karnakis.



Oficina de bandeirolas no São João dos Pequenos na Fundaj, em 2024.

Fonte: Catarina Martins.

Notas

¹ FARIAS JÚNIOR, José Petrúcio de; SILVA JÚNIOR, João Fábio da. Experiências educacionais a partir de um museu familiar do Sertão Nordestino: webquest e educação museal. L. In: SILVA, Douglas Alves *et al.* *Museus e Patrimônio Cultural: perspectivas locais, contribuições globais*. São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2022. p. 200. Disponível em: <https://desalinhopublicacoes.com.br/museus-e-patrimnio-cultural-perspectivas-locais-contribuigues-globais>. Acesso em: 29 jul. 2025.

² RODRÍGUEZ, Miguel Somoza. Musealización del patrimonio educativo de los institutos históricos de Madrid: propuestas para un museo virtual. *Arbor*, v. 187, n.º 749, 2011, p. 573-582. Disponível em: <https://doi.org/10.3989/arbor.2011.749n3010>. Acesso em: 10 nov. 2022.; FARIAS JÚNIOR, José Petrúcio de; SILVA JÚNIOR, João Fábio da. Experiências educacionais a partir de um museu familiar do Sertão Nordestino: webquest e educação museal. L. In: SILVA, Douglas Alves *et al.* *Museus e Patrimônio Cultural: perspectivas locais, contribuições globais*. São João de Meriti, RJ: Desalinho, 2022. Disponível em: <https://desalinhopublicacoes.com.br/museus-e-patrimnio-cultural-perspectivas-locais-contribuigues-globais>. Acesso em: 29 jul. 2025.

³ SOARES, Bruno Brulon. Museus, Patrimônios e experiência criadora: ensaio sobre as bases da museologia experimental. In: MAGALHÃES, Fernando *et al.* *Museologia e Patrimônio*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2019. p. 199-231. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/esecs/museologia-e-patrimonio-volume-1/>. Acesso em: 13 fev. 2023.

⁴ SOARES, Bruno Brulon. Museus, Patrimônios e experiência criadora: ensaio sobre as bases da museologia experimental. In: MAGALHÃES, Fernando *et al.* *Museologia e Patrimônio*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2019. p. 199-231. Disponível em: <https://www.ipleiria.pt/esecs/museologia-e-patrimonio-volume-1/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

⁵ *Ibidem*.

⁶ CANDAU, Joel. *Antropologia da memória*. Paris: Instituto Piaget, 2005. p. 148.

⁷ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (Orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 25-33.

⁸ *Ibidem*.

⁹ BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002. p. 320.

¹⁰ GOB, André; DROUGHET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 277.

¹¹ GOB, André; DROUGHET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

- ¹² INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- ¹³ BRASIL. Fundação Joaquim Nabuco. *Resolução n. 146, 26 de setembro de 1985*.
- ¹⁴ INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Caderno da Política Nacional de Educação Museal*. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- ¹⁵ GOB, André; DROUGHET, Noémie. *A Museologia: história, evolução, questões atuais*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 291.
- ¹⁶ BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. Educação em museus: termos que revelam preconceitos. *Diálogos entre arte e público*, v. 1, p. 30-34, 2008.
- ¹⁷ SILVA, F. B. et al. *Encontros com o futuro: prospecções do campo museal brasileiro no início do século XXI*. Brasília, DF: IBRAM, 2014. p. 83. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/livros/encontros-com-o-futuro-2013-prospeccoes-do-campo-museal-brasileiro-no-inicio-do-sec-xxi/view>. Acesso em: 4 ago. 2025.
- ¹⁸ POL, Elena; ASENSIO, Mikel. La Historia Interminable: una visión crítica sobre la gestión de Audiencias infantiles en museos. *MUS-A. Revista de los Museos de Andalucía*, Andalucía, v. 4, p. 11-20, 2006.
- ¹⁹ GABRE, Solange. *Habitar o museu com a criança pequena: formação colaborativa como possibilidade*. Curitiba: Appris, 2021. p. 24.
- ²⁰ CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Educação e Realidade*, v. 41, n.º 3, jul-sep. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623652329>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- ²¹ CARVALHO, Cristina; LOPES, Thamiris. O público infantil nos museus. *Educação e Realidade*, n.º 41, v. 3, jul-sep. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623652329>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- ²² WILDER, Gabriela Suzana. *Inclusão Social e Cultural: Arte contemporânea e educação em museus*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 25.
- ²³ *Ibidem*.

Brincar no Museu do Homem do Nordeste

Isabelle Lopes

“Criança aprende brincando”. Como quase todos os ditos populares, esse também carrega consigo uma grande dose de sabedoria, visto que o brincar é uma das formas mais prazerosas e complexas que a criança tem de se comunicar, descobrindo a si mesma, os outros e o mundo ao seu redor. É brincando durante a infância que o ser humano forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, aprende a lidar com a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.¹

Nas palavras de Thaís Andrade, Cleize Sandes e Roseneide Oliveira,

A brincadeira é uma fonte inesgotável de comunicação; através da ação de brincar, a criança reproduz e dá sentido a tudo que a rodeia cotidianamente, uma vez que tal ato desenvolve o processo de aprendizagem da criança, já que possibilita a estruturação da reflexão, criatividade, imaginação e autonomia, estreitando o laço entre o brincar e a aprendizagem. Delinear a brincadeira na infância é direcionar o olhar para a substancialidade do desenvolvimento global do sujeito em seus aspectos: cognitivo, moral, físico, social e cultural, dessa forma, enquadra-se nos processos de aprendizagens prazerosas e envolventes, caracterizando-se como momentos de aprendizagem e não somente de lazer.²

No campo da educação, de modo geral, jogos e brincadeiras são uma potente ferramenta de aprendizagem experiencial, visto que permitem, através do lúdico, vivenciar a aprendizagem como processo social. Lúdico este que, assim como a ludicidade, também carrega uma significativa variedade de conceitos. Tal polissemia é resultado de uma diversidade de contextos históricos e perspectivas teóricas que variam de acordo com a área do(a) autor(a), podendo assumir, por exemplo, enfoques antropológicos, sociológicos ou psicopedagógicos. Partindo, inicialmente, de uma perspectiva etimológica, essas palavras têm origem em *ludus*, termo de origem latina que significa “jogo”, “exercício” ou “imitação”.

Na língua portuguesa, “a brincadeira e o jogo são usados como expressão de sentido para o termo lúdico e, conseqüentemente, o lúdico atrela-se a compreensão de

deleite, satisfação ou prazer”.³ No entanto, em um contexto psicopedagógico, o termo “lúdico” não se restringe à sua origem, deixando de ser apenas um sinônimo para ser reconhecido como “traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano”.⁴

Para Aline Almeida,

O lúdico é tão importante para o desenvolvimento da criança, que merece atenção por parte de todos os educadores. Cada criança é um ser único, com anseios, experiências e dificuldades diferentes. Portanto, nem sempre um método de ensino atinge a todos com a mesma eficácia. Pensando no sucesso do processo de ensino-aprendizagem, o educador deve utilizar-se dos mais variados mecanismos de ensino, entre eles as atividades lúdicas. Tais atividades devem estimular o interesse, a criatividade, a interação, a capacidade de observar, experimentar, inventar e relacionar conteúdos e conceitos. O professor deve limitar-se apenas a sugerir, estimular e explicar, sem impor a sua forma de agir, para que a criança aprenda descobrindo e compreendendo, e não por simples imitação. O espaço para a realização das atividades, deve ser um ambiente agradável, e que as crianças possam se sentirem descontraídas e confiantes.⁵

Posto isto, é inegável a importância do lúdico no desenvolvimento infantil, portanto, a utilização do seu potencial educativo por meio de atividades e brincadeiras não é algo que deve ficar restrito à sala de aula ou à educação formal. O lúdico pode – ou melhor, deve – ser aliado tanto de pais e/ou responsáveis quanto de outros profissionais da educação, como aqueles que trabalham nos setores educativos de museus.

Museu do Homem do Nordeste e o Domingo dos Pequenos

De acordo com o Princípio VII da Declaração Universal dos Direitos das Crianças, adotada pela Assembleia das Nações Unidas de 20 de novembro de 1959 e ratificada pelo Brasil, “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas empenhar-se-ão em promover o gozo deste direito”.⁶ Assim sendo, o brincar não é apenas uma ação inerte à infância, mas também um direito educacional que deve ser garantido pelas instituições responsáveis.

Sendo o Museu do Homem do Nordeste (Muhne) um órgão federal pertencente à Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), autarquia vinculada ao Ministério da Educação, a manutenção desse direito é também de sua responsabilidade, principalmente (mas não exclusivamente) da Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias, setor encarregado de desenvolver pesquisas e executar projetos que mantenham o museu em contato direto com as pessoas à sua volta, chegando muitas vezes a sair do seu espaço físico para chegar até seu público.

A consciência dessa responsabilidade foi um dos motivos que levaram à criação do Domingo dos Pequenos, ação permanente que tem como alvo o público infantil. Nele são desenvolvidos diferentes tipos de atividades lúdicas que variam de acordo com a temática da vez, o objetivo educacional e a faixa etária escolhida. São algumas dessas atividades: contação de histórias, apresentações teatrais interativas, caça ao tesouro, quebra-cabeças, desenhos individuais e coletivos, oficinas circenses e de dança, oficinas

de manipulação de materiais, criação de brinquedos produzidos com materiais recicláveis, entre outras. Durante a execução, é comum que tanto educadores quanto responsáveis participem da ação de forma ativa, visto que todos os seres humanos, adultos ou crianças, sentem a necessidade do componente lúdico em suas vidas.

Mas, para que esse tipo de projeto funcione, é necessário que haja uma desconstrução da ideia tradicional de museu como lugar que serve simplesmente para guardar objetos antigos e obras de arte; um espaço físico, solene, onde acontecem exposições e é terminantemente proibido tocar nos objetos, correr ou falar em voz alta, frequentado apenas por intelectuais endinheirados. É preciso repensar o próprio espaço, dessacralizá-lo, e reconhecer os museus, também, como “territórios do brincar, que abrem oportunidades de desenvolvimento de novas estratégias de relacionamento do público com o acervo, repensando o uso do próprio espaço no âmbito educativo”.⁷

Segundo Erica Cristiane Cia e Alcyane Marinho,

Há a necessidade da abertura de espaços, e da potencialização daqueles já existentes, para a manifestação da criança como produtora de cultura e, neste sentido, os museus podem ser bastante pertinentes, oportunizando, nas crianças, a liberação dos desejos, o envolvimento, o prazer, a liberdade e a espontaneidade.⁸

Apenas quando criadas essas condições, as quais reconhecem tanto a criança como ser ativo em seu próprio desenvolvimento quanto o brincar como prática edu-

cacional indispensável, é que as atividades lúdicas pensadas pelo educativo se tornam práticas efetivas de educação museal.

Um bom exemplo foi o Domingo dos Pequenos de agosto de 2019, que teve como tema o Dia do Patrimônio Nacional: descobrindo o tesouro imaterial. Uma das ações desenvolvidas foi um jogo de caça ao tesouro que aconteceu dentro do espaço expositivo e consistiu em uma série de pistas escondidas próximas às peças do acervo. Uma pista levava à outra, até que no final as crianças chegaram à sala do Maracatu Nação Elefante, onde uma maleta com revistinhas educativas foi encontrada. Essas revistas foram elaboradas pelo educador Ângelo Araújo e tratavam da importância dos chamados patrimônios imateriais, dos quais o Maracatu Nação é uma referência. No local também foi realizada uma conversa mediada sobre o tema proposto, em que crianças e educadores tiveram igual importância de fala.

Recentemente, tivemos a primeira edição do Domingo dos Pequenos de 2023, que aconteceu no dia 22 de janeiro e recebeu o título de Mão na Massa. O primeiro ponto da atividade consistiu em uma visita à exposição de longa duração do Muhne, com foco na Sala do Sertão, na qual estão dispostas algumas obras de autoria dos ceramistas da família Faustino (Porfírio, Israel e Vastir). Em seguida, as crianças foram levadas à nossa Oficina de Arte com a proposta de recriar um equivalente caseiro ao barro branco utilizado pelos artistas em suas esculturas. Com farinha, sal, óleo, água e anilinas coloridas, as mãos pequeninas produziram uma massinha de modelar maleável, que utilizaram para moldar as mais diversas figuras fantásticas. Nessa ação as crianças tiveram a oportunidade de aprender, de forma prática, sobre a família Faustino e a arte da escultura,

além de exercitar a criatividade e a coordenação motora através dos atos de segurar, apertar, separar, modelar e construir.

No entanto, mesmo que atividades com objetivos pedagógicos pré-definidos – e que visam impulsionar a aquisição de competências, habilidades e conhecimentos precisos – sejam parte fundamental do desenvolvimento infantil, o brincar “sem motivo”, apenas por vontade, também é. Muitas vezes, porém, esse fato acaba sendo esquecido pelos adultos, sendo eles pais, responsáveis ou educadores profissionais, em cujas mentes ocorre “uma fragmentação entre o brincar e o estudar como se os mesmos pudessem ser categorizados como aptidão e futilidade”.⁹ Essa fragmentação está ligada à chamada visão “funcionalista” do lazer, que considera o brincar algo inútil por não ser diretamente gerador de riqueza. Nelson Marcellino define tal perspectiva como

[...] altamente conservadora, que busca a paz social, a manutenção da ‘ordem’, instrumentalizando o lazer como fator que ajuda, usando as próprias palavras de Requixa, ‘... a suportar a disciplina e as imposições obrigatórias da vida social, pela ocupação do tempo livre em atividades equilibradas, socialmente aceitas e moralmente corretas’.¹⁰

No entanto, o lúdico está ligado à forma como o ser humano se relaciona consigo e com o mundo à sua volta, o que ultrapassa a ação de brincar com o objetivo de alcançar algo. É por estar ciente dessas questões que, em várias edições do Domingo dos Pequenos, a equipe organizadora procura inserir na programação momentos de lazer puro e simples, como a liberação do jardim do Muhne e a disponibilização de balanços,

bambolês, cordas de pular e outros brinquedos, o convite para curtir festas de Carnaval e São João ou, simplesmente, permitindo que a criança participe das atividades educativas de forma mais espontânea. Se após a mediação temática e a preparação do material elas preferirem utilizar a massinha de modelar para criar figuras de um universo muito diferente daquele da Família Faustino, que assim seja.

Para Thaís Andrade, Cleize Sandes e Roseneide Oliveira,

Brincar faz parte do universo humano, e isso independe da fase na qual o sujeito encontra-se. Negar à criança a oportunidade de brincar é privá-la de crescer, de desenvolver e aprender, para que isso não aconteça o brincar precisa ser respeitado, exaltado e enaltecido, seja quais forem sua caracterização e variação, inclusive, a brincadeira livre.¹¹

É por isso que a equipe por trás do projeto procura sempre enxergar o brincar como algo muito maior do que simplesmente um meio para um fim, pois, com base nessa visão, ao fim de cada evento o objetivo mais importante sempre é atingido: a garantia do direito de ser criança.



Crianças brincando no jardim do museu e, ao fundo, a exposição Parteiras – um mundo pelas mãos. Atividade Brincadeiras de Quintal, em 2017.

Fonte: Alisson Henrique.

Notas

- ¹ NEGRINE, Airton. *Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil: Simbolismo e Jogos*. Porto Alegre: Prodil, 1994.
- ² ANDRADE, Thaís Oliveira; SANDES, Cleize Araujo; OLIVEIRA, Roseneide Passos Vitório de. Contextos lúdicos: o sentido real de aprender brincando. *Revista Educação Pública*, v. 21, n.º 19, p. 1, 25 maio 2021.
- ³ *Idem*, p. 2.
- ⁴ FERREIRA, Juliana de Freitas; SILVA, Juliana Aguirre; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. *A importância do lúdico no processo de aprendizagem*, [s.d.], p. 6.
- ⁵ ALMEIDA, Aline Marques da Silva. *A importância do lúdico para o desenvolvimento da criança*. Secretaria de Educação do Mato Grosso, 2014.
- ⁶ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*, 1959.
- ⁷ RIBEIRO, Luís Távora Furtado; MARCOS, Adriana Isabel Rodrigues; BASÍLIO, Edvar Ferreira. Museus: Territórios de brinquedos e brincadeiras como difusão extensionista de saberes, memórias e práticas. *Revista Debates Insubmissos*, Caruaru, a. 4, v. 4, n.º 13, p. 139.
- ⁸ CIA, Erica Cristiane; MARINHO, Alcyane. As inter-relações entre a criança, o lúdico e o museu. *LICERE - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v. 8, n.º 2, p. 33, 2005.
- ⁹ ANDRADE, Thaís Oliveira; SANDES, Cleize Araujo; OLIVEIRA, Roseneide Passos Vitório de. Contextos lúdicos: o sentido real de aprender brincando. *Revista Educação Pública*, v. 21, n.º 19, p. 3, 26 maio 2021.
- ¹⁰ MARCELLINO, Nelson C. *Lazer e educação*. 10. ed. Campinas: Papirus, 1987. p. 38.
- ¹¹ ANDRADE, Thaís Oliveira; SANDES, Cleize Araujo; OLIVEIRA, Roseneide Passos Vitório de. Contextos lúdicos: o sentido real de aprender brincando. *Revista Educação Pública*, v. 21, n.º 19, p. 5, 25 maio 2021.



II

**Domingo
dos Pequenos:
mosaico
de memórias**

Além do olhar

Olga Santos

Há quem acredite que apenas o poder público, as empresas, associações e ONGs podem gerar impactos sociais positivos, mas impactar positivamente a sociedade é algo que também cabe a nós enquanto cidadãos. Foi refletindo sobre isso que em 2018 comecei a pensar em unir trabalho e propósito de vida.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu art. 215, “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.¹ Embora não esteja definido de quais formas esse direito está garantido ou como se dará tal aces-

so, sabe-se que os museus, instituições que têm significativa relação com o patrimônio cultural, são espaços para o exercício desse direito, estimuladores da reflexão e do entendimento acerca do patrimônio cultural.

Pensando em contribuir com a democratização do acesso aos bens culturais para crianças em situação de vulnerabilidade, parti de uma conversa com minha chefe, Edna Silva, coordenadora de Ações Educativas e Comunitárias do Museu do Homem do Nordeste (Muhne), a qual aceitou com grande entusiasmo a ideia de passarmos a convidar crianças residentes em casas-lares para o Domingo dos Pequenos. Essas instituições são responsáveis judicialmente pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos básicos violados.

Feito o levantamento de algumas casas-lares localizadas na Região Metropolitana do Recife, foi selecionada e convidada a Instituição de Caridade Lar Paulo de Tarso (ICLPT) para participar da 5.^a edição do Domingo dos Pequenos, em 2018, cujo tema estava atrelado ao da 16.^a Semana Nacional de Museus: Museus hiperconectados: novas abordagens, novos públicos. Assim, sua programação contou com a exibição de curtas-metragens infantis no Cinema do Museu; com a oficina Cinema na Caixa, na Oficina I do Educativo; com a contação de história pelo Tapete Voador e com a apresentação do teatro de bonecos Desconectando para Conectar, na área externa.

O dia do evento chegou e, com o transporte da própria Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), partimos em direção ao Lar Paulo de Tarso, com sede no bairro do Ipsep.² Vale ressaltar que a ação não estaria completa se não pudéssemos disponibilizar o transporte (micro-ônibus e van) para as instituições convidadas, visto que são orga-

nizações não governamentais, sem fins lucrativos, mantidas por parcerias, convênios, associados, doações da sociedade e outras iniciativas – instituições que comumente não dispõem de transporte próprio.

Onze crianças, entre 5 e 11 anos de idade, mais dois cuidadores voluntários vieram conosco. Confesso que estava ansiosa para ver a reação de cada um dos Pequenos convidados. Chegando ao Muhne, olhares atentos e curiosos, que não entendiam muito bem onde estavam. Alguns agitados com a novidade e outros mais reservados, mas que ao longo do evento foram ficando à vontade.

Durante a ação do Domingo dos Pequenos, o acesso à exposição de longa duração é ofertada para o público participante com ou sem mediação temática. Ela pode acontecer no formato em que os participantes ficam livres para fazer a visita, sem interferência do educador, ou com sua presença, caso haja solicitação. O grupo convidado iniciou sua exploração pelo Muhne com uma visita temática que abordava a história do cinema. Era possível ver alguns sorrisos de admiração, mãos ávidas por tocar, rostos assustados com algumas peças (como manequins com roupas de Caboclo de Lança e de Praiá),³ falas associando o que viam no local com o que já haviam visto antes ou com experiências vividas, além de muitas perguntas diversas e, na maioria das vezes, passos bem apressados em direção ao objeto que gerou a curiosidade. Findada a visita, foi hora de assistir a dois curtas-metragens infantis no Cinema do Museu. Cabe aqui destaque para os pulinhos de alegria nesse momento, durante o qual ouvimos a seguinte frase empolgada de um dos Pequenos: “Vamos para o cinema, tia! Vamos para o cinema! É a primeira vez que vou num cinema”. Relatos como esse são bastante frequentes conosco.

O grupo também participou da oficina educativa Cinema na Caixa. A atividade consistiu na confecção de uma televisão em que passaria um filme criado pela criança, utilizando para isso caixas de sapato. O passo a passo da atividade com as crianças foi inicialmente fazer um recorte na tampa da caixa, que seria a tela na qual iria rodar o filme. Em seguida, houve a decoração da caixa e a perfuração das extremidades superior e inferior, nas quais foram encaixadas as varetas – mecanismo para dar movimento à história e, dessa forma, permitir a mudança de cena. Na etapa seguinte, as crianças criaram suas narrativas por meio de desenhos feitos em folhas no formato A4. O penúltimo passo consistiu na emenda dos papéis, criando uma sequência de cenas. Por fim, uma extremidade da tirinha foi colada e enrolada na parte de baixo, e a outra extremidade foi colada na vareta de cima, de forma que, no rolar da engrenagem da primeira para segunda vareta, os espectadores pudessem acompanhar a sucessão de cenas do filminho.

Pensando na faixa etária das crianças que participaram da ação, dividimos o grupo para duas atividades: um ficou na oficina Cinema na Caixa e o outro na contação de histórias, realizada dentro do Cinema do Museu com o grupo Tapete Voador – atração patrocinada pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), instituição parceira do Muhne ao longo de 1 ano e 5 meses, que contribuiu de forma significativa para a realização dos eventos trazendo atrações, convidando comerciantes locais dos ramos alimentação e artesanal, realizando lançamentos e vendas de suas publicações, atraindo para o Muhne o seu público já consolidado.

De acordo com a legislação sobre museus, entre outros entendimentos possíveis, essas instituições em 2009 já eram definidas como

instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer natureza cultural, aberto ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.⁴

Dessa forma, a cultura se faz importante no processo de educação das pessoas, na construção de sua identidade cultural, e os museus, por serem um local de educação não formal, apresenta-se como um espaço privilegiado de educação e cultura por meio da promoção da educação patrimonial. Nessa perspectiva, promover o acesso aos mais variados grupos é um compromisso educativo que os museus têm com a sociedade. Então, findadas as atividades, foi notável a alegria das crianças e de seus cuidadores, e partimos de volta à Instituição de Caridade Lar Paulo de Tarso. Esse foi o nosso primeiro passo para nos aproximarmos das casas-lares da Região Metropolitana do Recife. Muito ainda há por fazer: diálogos mais profundos, aproximações, melhorias no suporte e na atuação, pois o desejo e a força de vontade para isso é uma chama acesa que, aqui, não se apagará.



Sessão de curtas infantis no Cinema do Museu, em 2023.

Fonte: Felipe Karnakis.

Notas

¹ BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002.

² Bairro formado para a residência dos servidores estaduais de Pernambuco pelo Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco (Ipsep).

³ Vestimenta indígena, utilizada por alguns dos povos originários de Alagoas, Bahia e Pernambuco.

⁴ BRASIL. Câmara dos Deputados. *Legislação sobre museus*: Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, Lei n.º 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museu (IBRAM) e legislação correlata. 3 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2017. (Série legislação; n. 268), p. 13.

Outras fontes

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). *Educação Patrimonial/Programa Mais Educação*. Ministério da Cultura. 2012.

Ações educativas do Muhne nas comunidades

Ângelo Araújo
Edna Silva

No ano de 2019, a Coordenação de Ações Educativas do Museu do Homem do Nordeste (Muhne) passa a se chamar Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias. A partir daí, além de realizar ações dentro de seu espaço físico, o Muhne passa a ir até às comunidades da Região Metropolitana do Recife (RMR) promovendo ações de arte e cultura às classes sociais menos favorecidas.

Segundo Costa e Wazenkeski,¹

Hoje percebe-se que um museu renovado, pleno de atividades culturais e educativas exerce grande atração sobre os mais variados públicos, enfatiza a ideia de que todos podem e devem se apropriar daquele local de encantamento, cultura e lazer. [...] Nesse sentido, o desenvolvimento de ações educativas nos museus surge como vital ferramenta com o objetivo de ir muito além do simples chamamento de público para o recinto, mas de construção de conhecimento, entretenimento, encantamento, possibilitando reconhecer e mudar atitudes, bem como modificar o modo de ver as coisas, os objetos, as pessoas e as relações entre nós mesmos.

Neste relato, abordaremos duas atividades realizadas dentro dessa nova perspectiva do Educativo. Ambas aconteceram em comunidades da Zona Norte do Recife: Areal e Córrego do Jenipapo. A escolha das comunidades se deu por elas terem feito parte, respectivamente, da última ação presencial antes da pandemia de covid-19 e da primeira ação presencial de retomada ao convívio social pós-pandêmico.

Comunidade Areal e o Carnaval dos Pequenos

Nos dias 11 e 12 de fevereiro de 2020, o Educativo do Muhne, com seu barracão carnavalesco itinerante, visitou a comunidade Beira Rio, mais conhecida como comunidade Areal, localizada no bairro de Apipucos, na Zona Norte do Recife. Os educadores do museu realizaram uma oficina na qual as crianças da comunidade confeccionaram uma

roupa de La Ursa² e instrumentos musicais carnavalescos, como tambores e tamborins de lata, maracás e ganzás de garrafa PET.

Considerada a líder comunitária do Areal, Lindinete dos Santos, mais conhecida como Dona Linda, contou que a visita que as crianças realizaram ao museu foi um momento de descoberta, pois muitas delas nunca tinham visitado um museu antes. Segundo a líder, elas puderam entender o que esses espaços têm para nos oferecer e aprenderam muito sobre sua cultura, sobre a região em que vivem, além de se divertirem muito. Disse ainda que muitas delas, depois da visita, realizaram trabalhos escolares nos quais falaram recorrentemente sobre a experiência que tiveram no museu, o que denota que o momento ficará para sempre na memória dessas crianças.

No dia das oficinas, ela cedeu o terraço de sua casa como espaço para o barracão itinerante, e foi incrível como um espaço tão pequeno se tornou gigante para as coisas que ali aconteciam. Entre fitas, tecidos e lantejoulas nascia uma linda roupa de La Ursa para o lançamento do Bloco Segura o Talinho (uma alusão ao bloco Turma da Jaqueira Segurando o Talo).³ Nesses dias, toda a comunidade escutava o som dos tambores de lata e dos ganzás de garrafas PET se misturando ao som das alfaias e do tarol levados pelos educadores do Muhne para o ensaio do bloco. Ninguém conseguia ficar parado diante de tanta dança, batuques e sorrisos. Era nítido o interesse das crianças e a ansiedade para o dia do desfile, pois, além de se apresentarem, também iriam conhecer o museu pela primeira vez.

É importante que o museu atraia o público para junto de si, para que pessoas que não têm o hábito de visitá-lo passem a fazê-lo. Neste momento, a ação educativa deve ser apresentada de uma forma descontraída, interessante para que o aluno que ali estiver, saiba que é um local de cultura, mas também de grande ludicidade.⁴

Quando Edna Silva, coordenadora de Ações Educativas e Comunitárias do Muhne, perguntou a Miguel, um garoto de aproximadamente 12 anos, o que ele descobriu com essa atividade, ele respondeu que descobriu seu talento com música. Logo em seguida, Adriano, de aproximadamente 8 anos, disse que tinha habilidade com dança. Porém o mais surpreendente foi William, que com seus 9 anos de idade disse que descobriu ser bom em decorar as coisas com glitter.

Para além de entender a importância da música no contexto cultural regional, as crianças também aprenderam sobre a La Ursa. A escolha da oficina voltada à personagem se fez devido ao medo que as crianças tinham de uma vestimenta de La Ursa que estava dentro do museu, na exposição *Muhne 40 anos, 40 peças*, recriando a ideia que tinham sobre esta fantasia.

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, que investigam pra conhecer melhor, que procuram entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial.⁵

Após dois dias de confecção de adereços, roupas e instrumentos musicais, fomos desfilarmos no dia 16 de fevereiro. No jardim do Muhne havia muitas crianças, que vinham de outras comunidades da RMR para participar das oficinas ofertadas para o Domingo dos Pequenos. Chegamos batendo latas e dançando com muita alegria, e na voz uma tradicional frase: “a La Ursa quer dinheiro, quem não dá é pirangueiro”. Adriano, que era bom na dança, estava vestido com uma roupa branca de La Ursa, que foi emprestada do grupo Urso Branco de Cangaçá,⁶ e eu, Ângelo Araújo, o acompanhava com a roupa de La Ursa colorida feita por todas as crianças da comunidade. Mediei todo meu vestido desse jeito. Ao fim da festa, retornamos para a comunidade depois de uma tarde muito alegre. Não sabíamos que, em breve, devido a um vírus que tomaria conta do mundo, ficaríamos reclusos, apenas retornando nossas atividades presenciais após quase 400 dias de distanciamento físico.

Comunidade Córrego do Jenipapo e o Dia das Crianças no morro

Após mais de um ano de reclusão, em 19 de agosto de 2021 retornamos ao atendimento de grupos presencialmente com uma nova realidade: máscaras, álcool em gel e distanciamento físico fazendo parte de nossa rotina. A ação do Domingo dos Pequenos continuava virtual, mas o Dia das Crianças foi presencial e ocorreu no dia 17 de outubro de 2021, na comunidade Córrego do Jenipapo, também localizada na Zona Norte do Recife. A ação foi uma parceria com um coletivo composto de jovens que têm um com-

promisso social com a comunidade, chamado Jenipapo em Foco, e foi dividida em dois momentos: uma apresentação do projeto Museu na Escola e as oficinas educativas para o Dia das Crianças, conforme o cronograma do coletivo.

No primeiro momento, ocorrido no dia 29 de setembro de 2021, o coletivo montou o Cinema na Rua com um telão e um projetor. Antes de iniciar o filme, a equipe Educativa do Muhne apresentou o projeto Museu na Escola, que tem como proposta levar as discussões do museu, através de imagens e vídeos, ao público visitante que não pode ir até seu espaço físico devido a questões financeiras, geográficas, entre outras.

Já o segundo momento ocorreu em 17 de outubro de 2021 na Escola Estadual Erundina Negreiros de Araújo, localizada no próprio Córrego do Jenipapo. Lá foram realizadas as oficinas educativas de fantoche de meia, maracá com garrafas PET, livrinho *pop-up*, bonecas Abayomi e oficina de maracatu com a Nação Porto Rico, atividades estas que já foram desenvolvidas no Muhne em outras edições do Domingo dos Pequenos, como na Semana de Consciência Negra e no Dia do Livro. Antes de iniciar as atividades, os educadores do Muhne falaram sobre assuntos relacionados ao museu e à importância de cada objeto que estava sendo construído naquelas oficinas, afinal, é necessário estabelecer a comunicação entre o objeto e o visitante, de forma que a atividade seja para além do lúdico, despertando na criança o interesse por outras culturas e entendendo as diversidades culturais existentes na sociedade. Segundo os conceitos de patrimônio cultural material e imaterial, o IPHAN aponta que

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo.[...] Os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas.⁷

Dessa forma, as atividades desenvolvidas pelo Muhne em parceria com o coletivo Jenipapo em Foco contribuíram para o processo de educação patrimonial das crianças da comunidade. Uma integrante do coletivo, Leiliana da Silva, relatou que

Ações como estas são de suma importância, pois o coletivo Jenipapo em Foco é ativo na comunidade no que se refere às ações sociais, por isso sempre planejam eventos nos quais as crianças estão inseridas. Visto que temos consciência da falta de lazer e cultura na nossa comunidade do Córrego do Jenipapo, a parceria que tivemos com o Museu do Homem do Nordeste no evento das crianças trouxe a elas um breve momento nas oficinas educativas e despertou curiosidades e o interesse de visitar o espaço museológico. Vivência essa que muitas das crianças nunca tiveram antes, experimentada em seu próprio bairro, enriquecendo seu repertório cultural e também respeitando o direito da criança de brincar, se divertir e participar da vida comunitária (informação verbal).⁸

No fim da ação, foi perceptível o interesse das crianças em querer conhecer o museu, pois as oficinas despertaram nelas a curiosidade para mais conhecimento sobre a

cultura de nossa região. Esse interesse que sempre existiu, mas se tornou recluso devido ao pensamento limitante de não pertencimento a esses equipamentos culturais. É por motivos como esses que ações educativas com tal intuito são tão importantes para as comunidades periféricas.

E por fim...

Ações educativas que acontecem fora do espaço físico dos museus trazem consigo algumas particularidades, as quais nos fazem refletir sobre a relação do museu com o público e seu papel pedagógico, visto que muitas vezes nos limitamos a pensar que o museu só pode ser compreendido ou apresentado apenas em seu espaço físico, pois ali estão as peças, o acervo. Não é bem assim, afinal, um museu é feito de memórias, visto que uma peça sem memória não passaria de um objeto sem significado para quem a vê. Todavia, destaco que o espaço físico permanece com sua importância, já que é onde se preserva, se pesquisa, se restaura, se documenta, se conserva e se expõe, originalmente.

Essas ações externas que acontecem em comunidades, abrigos e escolas são um convite, um chamado do museu para que os visitantes venham até seu espaço físico, para conhecer mais sobre o que lhe foi dito e apresentado no momento da atividade, possibilitando uma experiência que muitas vezes deixa de acontecer quando o visitante chega ao museu e se sente em um local desconhecido, em um ambiente novo, em um ambiente que para ele não é comum, que o deixa tímido e receoso, o que o leva a não desfrutar em sua completude do que está em uma exposição. Sendo assim, quando

essa visita vem antecipada de um contato anterior – principalmente para quem nunca frequentou um museu – é possível observar uma interação mais efetiva do visitante no momento da mediação, resultando em uma melhor troca de saberes para quem vê (visitante) e para quem apresenta (mediador/acervo).



Adereço para o Carnaval dos Pequenos, em 2020.

Fonte: Ascom/Fundaj.



Papangus no Carnaval dos Pequenos, 2025.

Fonte: Catarina Martins.



Linda, Líder comunitária do Areal, em 2024.

Fonte: Murilo Dayo.

Notas

¹ COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da; WAZENKESKI, Verlaine Fátima. A importância das ações educativas nos museus. *Revista Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 17, n.º 2, p. 66, 17 jul. 2015. DOI: 10.17058/agora.v17i2.6336. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>. Acesso em: 3 set. 2022.

² Brincadeira carnavalesca de rua que tem origem em antigos costumes trazidos pelos imigrantes italianos, tendo como principal personagem o urso.

³ Troça carnavalesca criada em 1984 por um grupo de motoristas da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). O nome da troça veio do apelido que foi dado aos motoristas que se reuniam em suas horas de almoço em um banquinho existente embaixo de uma jaqueira, localizada atrás do Muhne.

⁴ COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da; WAZENKESKI, Verlaine Fátima. A importância das ações educativas nos museus. *Revista Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 17, n.º 2, 17 jul. 2015, p. 67. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/index>. Acesso em: 3 set. 2022.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Coletivo sem fins lucrativos fundado em 3 fevereiro de 1978 que recebeu, em abril de 2018, o título de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural da cidade de São Lourenço da Mata-PE.

⁷ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais*. 3. ed. Brasília: [s. n.], mar. 2012, p. 12 e 18. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/cartilha_1__parasabermais_web.pdf. Acesso em: 9 out. 2022.

⁸ Informação fornecida por Leiliana da Silva, integrante do coletivo Jenipapo em Foco, ao educador Ângelo Araújo, em meados de 2022.

Carnaval dos Pequenos no Engenho Massangana

Enerson Silva
Edvânia Carvalho

Realizado na manhã ensolarada do dia 18 de janeiro de 2017, buscando celebrar o carnaval e mostrar que o museu também é lugar de festejar, o Carnaval dos Pequenos no Engenho Massangana contou com a participação de aproximadamente 30 crianças das comunidades adjacentes ao museu. Aproximar a população do entorno do museu das práticas vivenciadas no espaço, gerando pertencimento e identidade cultural, é um

dos objetivos do setor Educativo do Museu do Homem do Nordeste (Muhne). Sobre isso, Santos nos traz que

Os processos museais gerados ao longo dos anos contribuíram de modo efetivo para a ampliação do seu conceito, à medida que, para sua aplicação, o patrimônio cultural é compreendido como relação do homem com o meio, ou seja, o real na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural em suas dimensões de tempo e espaço.¹

Pensando na interação entre o público e o espaço museal, e considerando a efervescência do período para envolver as crianças na atividade proposta, a equipe de educadores do Engenho visitou a Escola Joaquim Nabuco, localizada a poucos metros da instituição, realizando pessoalmente o convite para participarem da ação.

Para a surpresa da equipe, que na época buscava um contato mais efetivo com o público do entorno, muitas crianças chegaram à área externa do museu desejando vivenciar o Carnaval dos Pequenos. Os olhos brilhando, almejando descobrir o novo, o que o espaço poderia oferecê-los. Os educadores Ígor Amarante, Enerson Silva, Nathália Sá e Rayanne Bruna, as estagiárias Mariana Santos, Ana Cláudia e Beatriz Lins, o servidor da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) Marcos Antonio e a servidora e coordenadora de Ações Educativas e Comunitárias, Edna Silva, estavam presentes na ação e conduziram as atividades.

Iniciou-se com uma oficina de confecção de máscaras carnavalescas em frente à Casa Grande, na área externa. Para as crianças, foi extraordinário esse momento de manusear materiais como cartolinas, lantejoulas, fitinhas de tecido, glitter e EVA, com os

quais realizaram colagens e puderam estimular a criatividade, experiência que os marcou. Foi possível ver o sorriso do menino Manoel Galvão a cada movimento de recorte com tesoura, enquanto sua máscara ganhava forma.

Em seguida, teve início a festa, com direito a banho de mangueira e muito frevo no pé com a apresentação da Orquestra Trombomba. As crianças pularam e cantaram ao som dos clássicos carnavalescos, expressando muita alegria e satisfação.

Ao final da atividade, as crianças sugeriram um cortejo pela comunidade de Massangana. Davi falou: “Precisamos passar na frente de casa”, entusiasmado e com um sorriso largo no rosto. Para isso, as crianças criaram um cartaz com a frase “Massangana em folia”, e esse estandarte foi carregado por dois dos participantes. A troça improvisada caminhou por aproximadamente 10 minutos e contagiou toda a comunidade. Foi lindo ver os moradores saindo de dentro das casas para contemplar e participar diretamente daquele momento de felicidade e fantasias com as crianças e a equipe do museu. A alegria se propagou e, ao fim, acreditamos ter alcançado a memória afetiva dos envolvidos.



Visita ao Muhne com os educadores Abel Valentim e Josinely Nascimento, em julho de 2019.
Fonte: Ascom/Fundaj.

Notas

¹ SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Museus e Educação: conceitos e métodos. *Cienkt*, Porto Alegre, n.º 31, p. 312, jan/jun 2002.

Domingo dos Pequenos: parceria com a Casa da Criança Marcelo Asfora

Flora Pessoa

Entre 2021 e 2022 o estreitamento das relações entre a Casa da Criança Marcelo Asfora (CCMA, então com 31 anos de existência) e a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj, então com 73 anos) foi excepcional. Duas instituições absolutamente distintas remando juntas numa mesma direção: a da busca pela transformação por meio do conhecimento e da cultura, preocupadas em iluminar o caminho de meninos e meninas carentes para

um futuro promissor. Diferenças à parte, a verdade é que, uma vez dentro da Fundaj, as crianças da CCMA, moradoras da periferia da Zona Norte do Recife, não se sentiram estranhas no paraíso. Aproveitaram a chance e vivenciaram o ambiente tal como manda o figurino, e, como acredito, isso foi importante para elas.

Passaram por visitas a museus onde se depararam, entre outras riquezas, com o mundo da cana-de-açúcar, da arte do Carnaval e até com o do futebol, por conta da exposição do apito do árbitro que marcou o pênalti que resultou no milésimo gol do rei Pelé. Festejaram a Semana de Arte Moderna, ouviram histórias bem contadas no Domingo no Parque, participaram dos festejos de Natal e foram apresentados à trajetória de vida de Manoel Salustiano Soares, famoso rabequeiro, ator e produtor da cultura popular de Pernambuco, conhecido dentro e fora do Brasil como Mestre Salu, um exemplo de vida bem vivida e inspiradora para toda e qualquer criança.

Impossível não exaltar essa parceria. A Fundação Joaquim Nabuco, idealizada pelo sociólogo Gilberto Freyre, tem elo com a Casa da Criança Marcelo Asfora, criada pelo padre Edwaldo Gomes. Dois homens do bairro de Casa Forte. Dois homens que até hoje orgulham Pernambuco e que fizeram valer na prática um ensinamento do Barão de Itararé, que disse: “Não é triste mudar de ideia, triste é não ter ideia para mudar”. As ideias deles vingaram. Não há como duvidar.



Criança da Casa da Criança Marcelo Asfora em atividade de pintura, em 2022.
Fonte: Olga Santos.



Modelagem em argila, em 2017.
Fonte: Alisson Henrique.

As lições dos Domingos

Karla Veloso

As distâncias podem ser físicas, de não pertencimento, de desconhecimento. Atravessar os portões, cruzar os jardins e adentrar o Museu do Homem do Nordeste (Muhne) é usual para quem cresceu tendo acesso a espaços culturais. No entanto, para muitos é um desafio. Temos um terço da população brasileira morando em cidades sem nenhum museu, segundo o Sistema de Indicadores Culturais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Imaginem para essas pessoas o que representa estar pela primeira vez num espaço museológico?

Nas tantas edições do Domingo dos Pequenos que vivenciei, por vezes escutei sobre como estava sendo a primeira experiência em um museu para os grupos trazidos

pelos educadores do Muhne, ora das crianças, ora dos adultos que as acompanhavam, sensações traduzidas em frases como “Estou feliz de conhecer esse museu.”, “Não sabia que tinha um lugar com a história da gente.”, “Vim acompanhando as crianças. Mas como é a minha primeira vez, posso dizer que elas me trouxeram.”, “Já passei algumas vezes aqui na frente de ônibus, mas não sabia que era aberto ao público.”

Ser convidado pelo Educativo do Muhne deixa acessível o trajeto de descer do ônibus ou da van, percorrer o caminho de pedras até o *hall*, deixar a bolsa na portaria e, enfim, fazer a “viagem” para a história do homem do Nordeste. É a ação do Domingo dos Pequenos que garante a acessibilidade a esse percurso. Como profissional da área de comunicação, é gratificante pensar com a Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias desde a identidade visual que será usada até o convite, a matéria propriamente dita de divulgação para redes sociais e imprensa. Sim, a forma de convidar grupos para essa atividade é uma parte importante do trabalho de comunicação. Visual que fala por si, textos sem rodeios, e a cada terceiro domingo do mês, a cobertura. Fotos e entrevistas feitas com autorização dos adultos, imersão no evento que tem um nome que leva ao diminutivo mas é grandioso ao cumprir o papel de incluir, de ser para todos e todas, de educar.

É crível que depois de uma visita a qualquer equipamento cultural ninguém continue o mesmo. Que passe a refletir sobre o conhecimento adquirido. E que, a partir deste encontro, neste caso com o Muhne, caminhos muito além do de pedras sejam abertos.

O Trenzinho da Alegria

Italo Nery França Santos

Em fevereiro de 2024 ocorreu a edição de Carnaval do Domingo dos Pequenos na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), no Museu do Homem do Nordeste (Muhne), onde houve oficinas artísticas e brincadeiras para as crianças, além, claro, de mediação cultural no museu de forma mais lúdica e envolvente.

É possível destacar a importância de uma prática educacional nos museus, com ferramentas como a mediação cultural e artística, afinal, pode-se mencionar como essa prática tem ganhado cada vez mais espaço devido à demanda de visitantes nos museus,

assim como em outros centros culturais, pois o processo de aprendizado do visitante, independentemente de sua faixa etária ou classe social, não se dá única e exclusivamente de maneira individual, apenas observando as peças expostas. O museu, sendo alvo de diversos públicos, desde escolas, públicas e privadas, até ONGs e projetos sociais, precisa fornecer formas diversas de visitação para contribuir para além de suas funções convencionais, ou seja, um ambiente de aprendizado, tomando por base a própria definição do Comitê Internacional de Museus (ICOM) (2009, s/p):

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, divulga e expõe, para fins de estudo, educação e lazer, testemunhos materiais e imateriais dos povos e seu ambiente.¹

O reconhecimento da importância do desenvolvimento do aprendizado nos ambientes culturais, aqui evidenciando os próprios museus, a partir da mediação cultural, pode ser percebido com a Lei n.º 11.904/2009, sancionada no segundo governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, que institui o Estatuto de Museus e dá outras providências, no art. 29, apontando o seguinte:

Os museus deverão promover ações educativas fundamentais no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da nação.²

O conhecimento não nasce sozinho, nem em uma sala de aula propriamente dita, nem em um museu. Portanto, a ação educativa se mostra necessária na forma de apresentar o local, propondo um acréscimo de informações para os visitantes, considerando os mais diversos grupos sociais. A mediação contribui para a construção do conhecimento, como aponta Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*: “[...] ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou sua construção”.³

Ao se considerar que o conhecimento se constrói pela troca de experiências, se levarmos essa discussão, agora especificamente para um público infantil, a mediação cultural e artística se faz ainda mais necessária para o auxílio do aprendizado. Entretanto, há nessa situação mais uma camada de complexidade, pois, por se tratarem de crianças, uma mera mediação expositiva, por exemplo, por mais que também possa contribuir para a construção do saber, de acordo com a teoria de Vygotsky⁴, o pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural, mas determinada por um processo histórico. Dessa forma, na perspectiva vygotskyana, seria possível utilizar elementos que contribuam para a formação de conhecimento, tornando a mediação mais interativa e mais compreensível para os pequenos.

A partir de minha experiência enquanto estagiário, exercendo as mediações durante o evento do Domingo dos Pequenos na Fundaj, em sua edição de Carnaval, em 2024, pude participar de uma mediação singular para o público infantil, na qual foi utilizado um trem em que as crianças ficaram no centro, e os educadores, nas extremidades. Essa experiência, além de muito proveitosa, contribuiu para o argumento supracitado

com Vygotsky. Dessa maneira, minha vivência com esse projeto foi muito enriquecedora, pois permitiu uma apropriação das estratégias educativas de modo mais divertido, tanto para mim quanto para o público-alvo, e até mesmo possibilitou a percepção de um novo olhar perante o próprio museu, por isso posso comentar o quanto foi uma prática muito válida, como fazer parte de uma peça, de um verdadeiro espetáculo em que somos todos atores e agentes ativos, em um evento que é merecedor de novas edições nesse formato.

Assim, é perceptível que a prática educativa tornou-se mais acessível e dinâmica para o público-alvo, pois todas as crianças ficaram empolgadas para ver o museu sob uma ótica mais lúdica, em um trem colorido, o que demonstra como o Muhne cumpre muito bem suas funções mais básicas enquanto museu e abraça as diversidades, sendo tão acessível quanto possível.



Modelagem em argila, em 2017.

Fonte: Alisson Henrique.

Notas

¹ ICOM. ICOM aprova Nova Definição de Museu. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756#:~:text=%E2%80%9CUM%20museu%20%C3%A9%20uma%20institui%C3%A7%C3%A3o,a%20diversidade%20e%20a%20sustentabilidade>. Acesso em: 12 set. 2025.

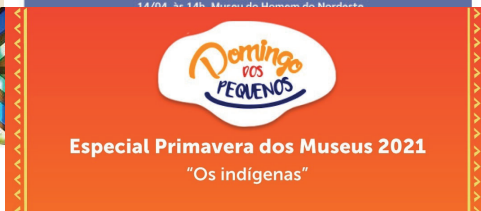
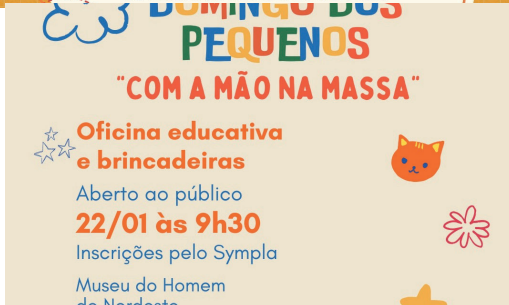
² BRASIL. *Lei n.º 11.904, de 14 de Janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm. Acesso em: 27 de jul. 2024.


³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 91. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

⁴ VYGOTSKY, Lev. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Outras fontes

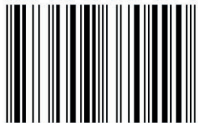
ALENCAR, Valéria Peixoto. *O mediador cultural considerações sobre a formação e profissionalização de educadores de museu e exposições de arte*. 2008. 97 f. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Artes – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2008. São Paulo: Tese/Mestrado. PPGAV/UNESP.





Esta edição foi composta nas fontes Geomet415 Blk Bt e Seravek,
projetada para a veiculação digital em versão E-book (PDF),
pela Editora Massangana, em 2025.

ISBN 978-65-5737-049-0



Nestas páginas você encontrará carinho, diversão pedagógica e empenho de vários educadores ao longo de quase dez anos. Falamos aqui do Domingo dos Pequenos, uma ação educativa que acontece todo 3.º domingo de cada mês, gratuitamente, nas oficinas e no jardim do Museu do Homem do Nordeste (Muhne). Suas atividades têm como público-alvo crianças, dos seus primeiros anos de vida até a adolescência, e são concebidas e implementadas pelos educadores da Coordenação de Ações Educativas e Comunitárias, da Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundação Joaquim Nabuco/Ministério da Educação.